

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DE MINAS GERAIS - *CAMPUS* OURO PRETO
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

Julyana Maysa Tomaz Neves

**UMA DISCUSSÃO SOBRE O USO DE ESPAÇOS NÃO FORMAIS NA
GEOGRAFIA ESCOLAR E SUGESTÃO DE ROTEIRO EM OURO PRETO-MG**

Ouro Preto

2025

JULYANA MAYSА TOMAZ NEVES

**UMA DISCUSSÃO SOBRE O USO DE ESPAÇOS NÃO FORMAIS NA
GEOGRAFIA ESCOLAR E SUGESTÃO DE ROTEIRO EM OURO PRETO-MG**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Geografia do Instituto Federal de Minas
Gerais - *Campus* Ouro Preto, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciada em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Ramon Coelho Duarte

Ouro Preto

2025

N518d Neves, Julyana Maysa Tomaz.
Uma discussão sobre o uso de espaços não formais na geografia
escolar e sugestão de roteiro em Ouro Preto - MG [manuscrito] / Julyana
Maysa Tomaz Neves. – 2025.
73 f. : il.

Orientador: Ramon Coelho Duarte.
Trabalho de Conclusão de Curso (licenciatura) – Instituto Federal de
Minas Gerais. *Campus* Ouro Preto, 2025.

1. Educação. 2. Geografia – Estudo e ensino. 3. Estratégias de
aprendizagem. I. Duarte, Ramon Coelho. II. Instituto Federal de Minas
Gerais. *Campus* Ouro Preto. III. Título.

CDU: 371.3:91

Catálogo: Andresa Aredes Ferreira CRB-6/MG-003262/0



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS
Campus Ouro Preto
Diretoria de Ensino
Docência de Área de Geografia
Rua Pandiá Calogeras, 898 - Bairro Bauxita - CEP 35400-000 - Ouro Preto - MG
- www.ifmg.edu.br

FOLHA DE APROVAÇÃO

JULYANA MAYSА TOMAZ NEVES

**UMA DISCUSSÃO SOBRE O USO DE ESPAÇOS NÃO FORMAIS NA
GEOGRAFIA ESCOLAR E SUGESTÃO DE ROTEIRO EM OURO PRETO-MG**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de LICENCIATURA EM GEOGRAFIA, ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais - *Campus* Ouro Preto, como parte dos requisitos para a obtenção do título de LICENCIADA EM GEOGRAFIA.

Aprovado(a) em 27 de Fevereiro de 2025, pela Banca Examinadora:

Prof. Dr. Ramon Coelho Duarte - IFMG *Campus* Ouro Preto - Orientador
Prof. Dra. Elizene Veloso Ribeiro - IFMG *Campus* Ouro Preto
Prof. Dra. Izabela Aparecida da Silva Mendes - EE Marília de Dirceu

Ouro Preto, 27 de fevereiro de 2025.



Documento assinado eletronicamente por **Ramon Coelho da Cruz, Professor**, em 28/03/2025, às 13:16, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Elizene Veloso Ribeiro, Professora**, em 31/03/2025, às 07:29, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://sei.ifmg.edu.br/consultadoes> informando o código verificador **2247338** e o código CRC **C7FBD151**.

Dedico esse trabalho aos meus pais, João Bosco e Júnia, minha fortaleza, maiores incentivadores e fontes inesgotáveis de apoio, amor e compreensão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me deu oportunidades, força de vontade e muita coragem para superar os desafios.

Quero expressar minha gratidão a toda a minha família, meus alicerces, com um agradecimento especial aos meus pais, Júnia e João Bosco por sempre estarem ao meu lado, minha irmã Julya, minha sobrinha Maria Laura pelos momentos de distração e interesse em saber tudo, ao meu companheiro Gleisson pelo amor e companheirismo, a Tia Flávia sempre presente com palavras de sabedoria e conforto, sou profundamente grata por sempre me ouvirem, acreditarem em mim e pelo apoio constante durante todo o curso e na realização deste trabalho.

Gostaria de expressar minha gratidão aos professores(as) do curso de Licenciatura em Geografia do IFMG – *campus* Ouro Preto, especialmente ao Ramon Coelho Duarte, que me orientou e deu valiosos conselhos ao longo dessa jornada, e conduziu o trabalho com paciência e dedicação especialmente nos momentos de ansiedade. Sou muito grata por ele ser não apenas mais um professor, mas também uma verdadeira inspiração para a profissão.

Agradeço também as minhas companheiras de curso Sandy e Geovana, que sempre estiveram ao meu lado, pela amizade incondicional e pelo apoio demonstrado ao longo de toda essa trajetória.

A todos que participaram, direta ou indiretamente do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, enriquecendo o meu processo de aprendizado.

"Aprender é a única coisa de que a mente nunca se cansa, nunca tem medo e nunca se arrepende."

Leonardo da Vinci

RESUMO

As práticas pedagógicas tradicionais, nas quais o aluno tem um papel passivo e o professor é o único transmissor de conhecimento, limitam a inovação no ensino. O modelo que restringe o aluno apenas à sala de aula não estimula a busca por alternativas que diversifiquem o aprendizado. A educação fora da sala de aula pode ser benéfica, proporcionando ao aluno o contato direto com os conteúdos e sua vivência. Espaços não formais de educação promovem aprendizagem flexível, personalizada e acessível, além da formação integral. Este estudo tem como objetivo analisar a opinião e as experiências dos professores sobre o uso dos espaços não formais no ensino de Geografia. A pesquisa qualitativa verifica como os professores de Geografia utilizam esses espaços e discute sua eficácia na dinamização das aulas, favorecendo a associação entre teoria e prática no cotidiano. Na metodologia, foi realizada uma pesquisa, visando compreender a opinião de doze professores(as) que lecionam Geografia no ensino básico. Os resultados mostram que os professores destacaram que os espaços não formais oferecem uma oportunidade de romper com as práticas tradicionais, criando um ambiente mais dinâmico e atraente para as aulas, o maior empecilho para a utilização dos espaços não formais é a falta de recursos. A partir disso propõe-se um roteiro de fácil acesso para professores da cidade de Ouro Preto – MG e região.

Palavras-chave: Espaços não formais. Educação. Geografia Escolar.

ABSTRACT

Traditional pedagogical practices, in which the student has a passive role and the teacher is the sole transmitter of knowledge, limit innovation in teaching. The model that confines the student to the classroom does not encourage the search for alternatives that diversify learning. Education outside the classroom can be beneficial, providing students with direct contact with content and personal experience. Non-formal education spaces promote flexible, personalized, and accessible learning, in addition to fostering integral development. This study aims to analyze teachers' opinions and experiences regarding the use of non-formal spaces in Geography education. The qualitative research examines how Geography teachers use these spaces and discusses their effectiveness in making classes more dynamics, favoring the association between theory and practice in everyday life. The methodology involved a survey that aimed to understand the opinions of twelve teachers who teach Geography in elementary school. The results show that teachers emphasized that informal spaces offer an opportunity to break with traditional practices, creating a more dynamic and attractive environment for classes. The biggest obstacle to using informal spaces is the lack of resources. Based on this, an easily accessible itinerary is proposed for teachers in the city of Ouro Preto, Minas Gerais and the surrounding region.

Keywords: Non-formal spaces. Education. Teaching Geography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Folder (frente) do roteiro de visita a cidade de Ouro Preto - MG.....	46
Figura 2 - Folder (verso) de visitação a cidade de Ouro Preto - MG.....	47
Figura 3 - Mapa do roteiro de visita a cidade de Ouro Preto - MG.....	48

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	15
3 PERSPECTIVAS FILOSÓFICAS NO PROCESSO EDUCACIONAL	18
3.1 Empirismo X Racionalismo	19
3.2 Teorias Piaget e Vygotsky.....	20
3.3 De Luckesi à Paulo Freire.....	20
3.4 Educação, Pedagogia tradicional, educação formal e informal	23
4 A INTEGRAÇÃO DOS ESPAÇOS NÃO FORMAIS NO ENSINO DE GEOGRAFIA E SEUS DESAFIOS.....	29
5 O ESPAÇO GEOGRÁFICO DE OURO PRETO: RELEVÂNCIA PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO LOCAL.....	40
5.1 Conceito de Espaço Geográfico	40
5.2 Ouro Preto-MG, um espaço geográfico a ser explorado pela Geografia Escolar.....	41
5.3 A importância da utilização da cidade de Ouro Preto – MG como espaço não formal no ensino de Geografia.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS	52
APÊNDICE A – Questionário utilizado para entrevista com os professores	55
APÊNDICE B – Roteiro para atividade.....	56
APÊNDICE C - Respostas do questionário	59

1 INTRODUÇÃO

O processo de educação se configura como uma construção contínua e multidimensional, ocorrendo em diversas situações da vida do ser humano. Este processo visa prepará-lo para toda a trajetória social, com ênfase no mundo do trabalho. A trajetória escolar, nesse contexto, deve estimular o estudante a explorar realidades distintas, favorecendo a compreensão do espaço e das suas possibilidades para a realização de atividades, sejam elas em ruas, museus, praças ou centros urbanos. Esses espaços fora do ambiente escolar estimulam a curiosidade dos alunos, oferecendo experiências e materiais diferentes dos utilizados na sala de aula, o que complementa a educação formal e contribui para a construção do conhecimento.

A escola, sendo um local de encontro de saberes, vivências e culturas, desempenha um papel central no processo educativo. Porém, é importante destacar que ela não é o único ambiente formativo. O que ocorre fora das quatro paredes da escola – nos ambientes em que o aluno interage socialmente, trabalha, se diverte e aprende – também faz parte de seu processo de formação e aprendizagem (FREIRE, 1970). Esses espaços externos têm um papel crucial na construção do "currículo de vida" do aluno, pois possibilitam a vivência prática de conceitos que vão além do aprendizado convencional em sala de aula.

No âmbito da formação acadêmica, especialmente no curso de Licenciatura, é necessário compreender que o processo de aprendizagem envolve uma série de influências internas e externas, podendo ser elas cognitivas, emocionais, biológicas e também o contexto social, cultural, experiências da vida, que são distintas para cada aluno. Ensinar uma disciplina, seja Geografia ou qualquer outra, não se resume à simples transmissão de conceitos, mas envolve a interação contínua entre docentes, alunos, conteúdo, metodologias e as teorias que orientam a construção do conhecimento. Dessa forma, a atuação docente deve incentivar os alunos a explorar diferentes realidades, a observar o ambiente ao seu redor e a identificar o que pode ser feito nesses espaços.

A educação contemporânea enfrenta desafios relacionados à gestão da informação, que se tornou cada vez mais instantânea e acessível, frequentemente desvalorizando o papel do professor e resultando em práticas de sala de aula monótonas. Esse cenário tem gerado desinteresse entre os alunos, afetando sua participação ativa, inclusive nas aulas de Geografia (COSTA; COSTA, 2015).

Muernchen e Auller (2007) apontam que essa falta de interesse resulta em dificuldades no aprendizado, o que desmotiva os professores diante das limitações de recursos e das exigências do currículo.

O ensino de Geografia tem um papel fundamental na compreensão das relações entre sociedade e espaço, exigindo metodologias que favoreçam a construção do conhecimento de maneira significativa. Nesse contexto, a utilização de espaços não formais e da educação não formal emerge como uma estratégia essencial para promover uma aprendizagem mais contextualizada e aplicada, que vai além da transmissão teórica em sala de aula.

Espaços não formais, como parques, centros urbanos e áreas naturais, oferecem aos estudantes a oportunidade de vivenciar na prática os conceitos geográficos, criando uma conexão direta entre teoria e realidade. Essa abordagem amplia a compreensão de fenômenos como urbanização, impactos ambientais, organização territorial e desenvolvimento sustentável. A aprendizagem experiencial, conforme discutida por Dewey (1959), destaca a importância do contato direto com o meio para o desenvolvimento cognitivo dos alunos.

Além disso, a educação não formal, caracterizada por metodologias flexíveis, como visitas técnicas, saídas de campo e projetos interdisciplinares, possibilita um ensino mais dinâmico e participativo. Segundo Freire (1987), a educação deve ser crítica e libertadora, permitindo que os alunos compreendam o mundo a partir de sua vivência e interação com o espaço. Dessa forma, a Geografia se torna mais relevante e envolvente, incentivando a observação e análise da realidade.

Limitar o ensino de Geografia ao ambiente escolar pode restringir a percepção dos alunos sobre a aplicabilidade do conhecimento geográfico no cotidiano. O contato com diferentes espaços e realidades amplia a visão crítica dos alunos e favorece a construção de uma consciência socioespacial mais aprofundada. Assim, a incorporação de espaços não formais e práticas de educação não formal é essencial para a formação de cidadãos críticos e capazes de interagir de maneira reflexiva com o espaço geográfico.

Este trabalho tem como objetivo geral, analisar o papel da escola e do professor no processo educativo, destacando a relevância dos espaços fora do ambiente escolar como elementos fundamentais na formação do aluno. No ensino de

Geografia, especialmente nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, é fundamental adotar abordagens que integrem tanto as metodologias tradicionais quanto as práticas de educação não formal, considerando espaços não formais de aprendizagem, como museus, parques e áreas urbanas.

A problemática deste estudo envolve a percepção dos professores sobre a educação não formal e o uso de espaços não formais no ensino de Geografia, abordando questões como a eficácia dessa abordagem, a falta de recursos e a integração dessas práticas ao currículo formal.

A utilização desses espaços oferece uma abordagem mais dinâmica e significativa no ensino dos conceitos geográficos, promovendo um maior envolvimento dos estudantes. Ao vivenciarem a Geografia de forma prática e contextualizada, os alunos adquirem uma compreensão mais profunda sobre as interações entre fenômenos naturais, sociais e culturais. Adicionalmente, a inclusão desses espaços no currículo escolar fortalece a formação cidadã, permitindo aos alunos aplicar o conhecimento geográfico na compreensão e transformação do espaço em que estão inseridos.

Os objetivos específicos deste estudo visam demonstrar a importância dos espaços não formais no ensino de geografia, evidenciando como esses ambientes podem contribuir para a ampliação do aprendizado dos alunos. Buscando estimular o interesse dos estudantes pelo ensino de Geografia, explorando abordagens que tornem o conteúdo mais atrativo e relevante para sua formação. Além disso, o estudo pretende relatar as contradições entre as falas e as práticas dos professores de Geografia no que se refere ao uso de espaços não formais, destacando as possíveis lacunas ou incoerências entre o discurso pedagógico e a aplicação prática desses espaços. Por fim, visa-se identificar os recursos disponíveis nas escolas e aos professores, que podem ser empregados durante as práticas pedagógicas, a fim de enriquecer o processo de ensino e promover uma aprendizagem mais significativa.

2 PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Esta pesquisa é caracterizada como qualitativa e descritiva, pois pretende-se analisar qualitativamente as contribuições que os espaços não formais têm para o ensino de Geografia, e como os professores utilizam os lugares, como praças, ruas, bairros, museus, parques ecológicos entre outros como ambiente para construção de conhecimentos em Geografia.

Buscando analisar a contribuição da educação não-formal e da utilização dos espaços não-formais de ensino como metodologia que possibilita ao docente e ao aluno conceber o conhecimento de forma dinâmica e contextualizada nas aulas de Geografia, no caso desta pesquisa seguiram-se as seguintes etapas:

I) Levantamento bibliográfico sobre a educação e utilização dos espaços não formais;

II) Aplicação de entrevista com os professores de Geografia que atuam no Ensino Básico, sobre as experiências dos professores em relação aos espaços não formais;

III) Análise das respostas obtidas através do questionário;

IV) Elaboração de um roteiro de visita a cidade de Ouro Preto - Minas Gerais.

Na primeira fase, procedeu-se à revisão literária que foi de suma importância para um trabalho acadêmico, uma vez que estas contribuições teóricas vão fundamentar e passar confiabilidade à pesquisa, tornando-a um trabalho científico.

A revisão bibliográfica objetivou relacionar autores e teorias que abordam o ensino que podem fazer conexão a utilização e contribuição dos espaços não-formais e do ensino não-formal, realizando um conceito histórico dos mesmos. Buscou-se também informações sobre como a utilização dos espaços não-formais e a educação não formal pode contribuir no ensino, auxiliando na complementação do que é visto em sala de aula ou quando há a dificuldade ou falta de espaços da escola, onde os espaços não formais podem servir para o auxílio do ensino, visto como esse complemento serve tanto para a área de estudo quanto para a vida de cada aluno.

Na segunda etapa delimitou-se uma área, primeiramente a cidade de Ouro Preto – MG, e região, e posteriormente ampliou-se essa área, para realizar as entrevistas com os professores e deu-se início a construção do questionário, o

repertório bibliográfico foi crucial para a escolha das perguntas. A entrevista foi utilizada para alcançar o objetivo de analisar como a educação não formal desenvolvida em espaços não formais pode contribuir para o ensino de Geografia.

Elaborou-se um questionário com dez questões, conforme demonstrado em ANEXO A, a fim de coletar respostas sobre os(as) professores (as), onde trabalham e a quanto tempo, e outras questões voltadas ao tema desta pesquisa, a princípio o questionário foi pensado em ser aplicado pessoalmente em forma de entrevista com os professores do Ensino Básico, na região de Ouro Preto – Minas Gerais, porém, ocorreu de a aplicação coincidir com o final do ano letivo e férias escolares, das escolas estaduais e municipais, neste sentido o questionário foi aplicado virtualmente, através da ferramenta *Google Docs* – Formulários, e abrir mais a área, sendo respondido por professores, conforme demonstrado no APÊNDICE A, em grande maioria professores de Minas Gerais e um do Rio de Janeiro.

Feita a coleta das respostas, a análise das respostas foi realizada em janeiro de 2025, e conforme o resultado apurado pode-se dar início a construção do roteiro proposto.

O roteiro proposto, conforme a figura 3, sugere uma visita à cidade de Ouro Preto – MG, com o objetivo de explorar pontos estratégicos que proporcionem não apenas o ensino de Geografia, mas também incentivem a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade. A proposta visa integrar disciplinas, permitindo que elas se conectem e dialoguem entre si, respeitando suas especificidades no caso da interdisciplinaridade, ou se complementam de maneira mais ampla, tratando de questões que exigem uma abordagem mais complexa, que não podem ser explicadas por uma única área do conhecimento. Esses temas, frequentemente discutidos por cientistas e pesquisadores, devem também ser de interesse dos alunos, podendo ser aplicados em diversos contextos.

O roteiro, foi pensado tanto para uma escola com poucos recursos quanto para uma escola com mais recursos, tendo partida da Rodoviária Terminal 8 de Julho, e seguindo para a Rua São Francisco, passando pela Igreja São Francisco de Paula, onde os alunos poderão visualizar boa parte da cidade, tendo ao entorno o centro histórico e bairros mais periféricos.

Os professores de Geografia poderão fazer o trajeto somente abordando a disciplina se desejado, mas o trajeto foi idealizado para que também outras disciplinas

o utilizem, como ciências, história, português, entre outras. No caminho os alunos aprenderão o porquê a cidade tem tantas Igrejas, visualizaram a vegetação, desastres naturais, a desigualdade social, museus e a importância da cidade para a Inconfidência Mineira. Em outra parte da cidade, no Parque Natural Municipal das Andorinhas (PNMA), há uma possibilidade de visita, onde pode ser observado o relevo, vegetação, hidrografia, estudar os aspectos ambientais, políticos e sociais.

3 PERSPECTIVAS FILOSÓFICAS NO PROCESSO EDUCACIONAL

O debate entre empirismo e racionalismo tem moldado profundamente as teorias educacionais ao longo da história, oferecendo duas perspectivas distintas sobre como o conhecimento é adquirido e desenvolvido. Enquanto o empirismo defende que o conhecimento provém da experiência sensorial e da interação com o ambiente, o racionalismo sustenta que a razão e as ideias inatas são a fonte primordial do saber.

No campo educacional, essas correntes filosóficas influenciam métodos de ensino, de maneiras distintas, a maneira como os educadores compreendem o processo de aprendizagem. No contexto educacional, a dicotomia entre essas correntes filosóficas se reflete em metodologias de ensino, estratégias de aprendizagem e a maneira como os educadores compreendem o papel do estudante na construção do conhecimento.

O empirismo e o racionalismo, enquanto correntes filosóficas, têm implicações diretas na forma como a educação não formal é concebida e aplicada. Essas abordagens influenciam, de maneira distinta, as metodologias de ensino e aprendizagem que caracterizam os espaços não formais de educação, como oficinas, cursos extracurriculares, programas culturais e atividades comunitárias. A educação não formal, por sua flexibilidade e liberdade, oferece um contexto propício para a aplicação dessas teorias, proporcionando uma experiência educativa que vai além do currículo formal.

Em muitas situações, a educação não formal integra tanto elementos empiristas quanto racionalistas, criando um ambiente híbrido de aprendizagem. Essa combinação possibilita uma abordagem mais abrangente, na qual os indivíduos não apenas experimentam e vivenciam a realidade, mas também refletem teoricamente sobre suas experiências, promovendo um aprendizado que vai além do prático e do teórico. A utilização de espaços não formais de educação permite que os participantes sejam tanto consumidores quanto produtores de conhecimento, tornando o processo educativo mais dinâmico, flexível e adaptável às diversas necessidades e contextos.

Diante desse contexto, surge a questão central deste trabalho: seriam os espaços não formais de educação uma opção para atividades mais atraentes e dinâmicas?

Em 1967, Coombs organizou nos Estados Unidos, no estado da Virgínia, uma conferência sobre a Crise Mundial da Educação, que marcou as primeiras discussões sobre o termo "educação não formal" (COOMBS, 1968). Essa conferência sugeriu que os países reavaliem suas políticas educacionais, destacando a importância de uma educação mais flexível e adaptada às necessidades sociais. Em seu livro, Coombs (1968) propôs que a educação não formal poderia ser uma alternativa para melhorar a educação formal, pois ela atende de maneira mais eficaz às demandas sociais e culturais.

Precisamos voltar no contexto histórico para entendermos através de perspectivas filosóficas que a educação não-formal e os espaços não-formais de educação contribuem para o processo de ensino/aprendizagem.

3.1 Empirismo X Racionalismo

Na Idade Moderna e contemporânea, surgiu o empirismo e o racionalismo, como estabelecimento da ciência física, há uma quebra da maneira de se compreender o mundo e de conceber o conhecimento. Tem-se uma preocupação maior no sentido do erro em relação à busca da tal verdade, resultante disso a questão do método torna-se o foco central do pensamento moderno. Na busca por uma resposta à questão de quais são os fatores, as maneiras ou métodos para saber se determinado conhecimento é absoluto ou não, surgiu as duas correntes: o empirismo e o racionalismo.

O Racionalismo, tem como maior representante René Descartes (1596-1650), filósofo, físico e matemático, ele é considerado o pai da ciência moderna, tinha como maior preocupação descobrir qual a verdade primeira, que não pode ser colocada em dúvida, a partir disso, ele descobre que se o homem dúvida é sinal de que ele pensa, e se pensa então existe, "penso, logo existo", ele acreditava que a ciência deveria ser prática e não hipotética.

Já o empirismo é o oposto ao racionalismo, prioriza o conhecimento vivido, a experiência. Esta corrente do pensamento ressalta a importância da experiência sensível no processo de conhecimento. Um dos principais representantes do empirismo é Francis Bacon (1561-1626), ressalta a relevância na vida da humanidade, defendendo a comprovação dos saberes por meio da observação e experimentação

dos fatos, seu lema era “saber é poder”, destacando o saber como possibilidade do ser humano em relação a natureza.

3.2 Teorias Piaget e Vygotsky

A teoria proposta por Jean Piaget, repercutiu na construção do conhecimento, tanto na educação formal quanto informal, pois para que ela aconteça é primordial que o indivíduo se desenvolva a partir da ação sobre o meio em que está inserido, através da análise e síntese e do raciocínio lógico. Neste sentido, o professor tem função de provocador do conhecimento, criando situações que favoreça a aprendizagem, a construção do conhecimento é fruto de sua própria ação, o educador deixa para o aluno a solução dos desafios propostos, através da problematização e mediação entre o novo e seus conhecimentos prévios.

As contribuições de Vygotsky, que em estudos no processo de aprendizagem, corroborou a importância da linguagem, como mecanismo do pensamento, que planejando a fala, motiva mudanças na cognição da criança, reestruturando funções psicológicas como a memória, a atenção espontânea e a formação de conceitos. Ele também salienta a importância da influência da situação social e do meio assegurando que as características humanas não estão totalmente presentes desde o nascimento, elas são resultado de relações entre o homem e a sociedade.

Vygotsky propõe a identificação de dois tipos de desenvolvimento: o desenvolvimento real e o desenvolvimento potencial, sendo o real o que compreende as capacidades realizadas pela criança sem assistência de outra pessoa. E o potencial aquele em que a aprendizagem acontece com a ajuda de outro indivíduo, através do diálogo ou pela imitação, repetição e ou experiências sociais. A escola tem o papel de oferecer e possibilitar a interação fundamentais para o conhecimento, dando maior valor aos conhecimentos que o educando traz de suas vivências fora da escola, gerando situações em que o aluno obtenha superação das suas capacidades de atingir os objetivos propostos.

3.3 De Luckesi à Paulo Freire

Cipriano Carlos Luckesi é um destacado educador brasileiro, com grande contribuição para a área da educação, especialmente no campo da pedagogia e da

avaliação. Formado em Filosofia e com uma vasta produção acadêmica, Luckesi dedicou-se a refletir sobre as tendências pedagógicas e suas implicações no processo de ensino-aprendizagem. Em sua obra *Tendências Pedagógicas na Educação Brasileira* (LUCKESI, 1990), o autor propõe uma análise crítica das correntes pedagógicas que marcaram a educação no Brasil, dividindo-as em dois grandes grupos: as tendências liberais e as progressistas. Luckesi também se destacou por suas reflexões sobre a avaliação escolar, defendendo uma abordagem que ultrapassasse a mera quantificação de notas e visasse ao desenvolvimento integral do aluno.

Seu trabalho é reconhecido por sua profundidade teórica e por sua preocupação em oferecer subsídios para a prática pedagógica que busque uma educação mais justa, democrática e transformadora. Sua produção continua sendo referência importante para estudiosos e profissionais da educação no Brasil e no exterior.

Luckesi (1990), divide as tendências em dois grupos, o primeiro os “liberais”, com destaque para as tendências liberal tradicional e liberal renovada, e o segundo grupo nomeado “progressistas” as tendências progressistas libertadoras e progressista crítico-social dos conteúdos. Na tendência liberal tradicional, tem o professor como figura principal, e o aluno aquele que recebe os conhecimentos e valores como verdades absolutas, por meio de repetições de atividades, destacando a quantidade de conhecimento. Não existe espaço para questões e muito menos hipóteses de transformar a sociedade, uma vez que a vida e experiências do educando e do educador e os conteúdos não tem nenhuma ligação, o destaque é a quantidade de conhecimento e não a qualidade.

A tendência liberal renovada despontou como contraponto à escola tradicional, a fim de atender a novas disposições da sociedade, as experiências, vivências do educando são relevadas e os conhecimentos são estabelecidos através deles, e o professor torna-se apenas um facilitador da aprendizagem, o processo de conquista, como uma autoaprendizagem se torna importante, porém, os conteúdos não estão arrolados com a realidade social.

De acordo com Saviani (1991), de maneira genérica, podemos observar que a Pedagogia tradicional e a Nova estão conectadas na visão da escola, como agente transformador da sociedade e, eventualmente, como perturbadora, ao

reconhecer a educação como uma ferramenta essencial na construção da identidade, com a inclusão de princípios éticos e morais que auxiliam na integração e adaptação dos sujeitos no grupo social, promovendo a harmonia, a ordem e a estabilidade, até porque nessas tendências a Escola não se preocupa com a sua contextualização, no sentido de uma análise crítica da sociedade.

Entre as tendências progressistas, apresenta-se a Pedagogia Libertadora, que busca retirar seus temas da vida dos alunos, incluindo os problemas cotidianos na prática educativa, tendo como defensor e divulgador Paulo Freire. Tem como intuito conscientizar o aluno sobre a realidade vivida, buscando assim a transformação social. Os temas do conteúdo são sociais e políticos, baseados no conhecimento de cada aluno, criando uma nova relação com a experiência vivida, deixando de existir o “depósito de informação”, o professor atua juntamente ao aluno como coordenador.

Essa pedagogia está presente na relação poder/educação como libertação e orienta os estudos de Paulo Freire, eminente educador, na educação no Brasil. O tema presente em seus estudos foi a mudança, transformação da sociedade dos oprimidos em uma sociedade de iguais e conscientização dessas mudanças por meio da educação.

Para Freire (2005), o processo educativo impregna o compromisso político dos educadores, porque a educação depende da sociedade. Sua proposta gira em torno das transformações que a experiência educativa pode trazer ao ser humano, ao humanizá-lo, pois segundo Freire: Só um ser que consegue desligar-se do seu contexto, de permanecer com ele, é capaz de poder admirá-lo a tal ponto que, ao objetificá-lo, possa transformá-lo, e ao transformá-lo, sabendo que ele próprio foi transformado pela própria criação; um ser que é e está dentro de quem é seu, um ser histórico, porém, só esse ser é capaz de compromisso.

Freire propôs em sua obra *Pedagogia do Oprimido* (1970), o desenvolvimento de habilidades críticas no âmbito da prática em sala de aula. Freire descreve o ensino ministrado como ensino bancário, o professor fornece conhecimento, os alunos permanecem receptivos, obedientes. O papel do professor é ter autoridade, mas levar os alunos a aprenderem o conteúdo, em relações afetivas, democráticas, garantindo que todos tenham oportunidade de se expressar. O método criado por Paulo Freire tem como objetivo potencializar o aprendizado e ensinar os alunos a lerem o mundo.

As contribuições de Paulo Freire foram de suma importância para a geração de mudanças no processo educacional, principalmente na educação escolar, que ocorre com a intercessão do educador. Na última tendência, a tendência Crítico-social dos conteúdos, buscando o confronto entre o conteúdo acadêmico e a realidade social, as escolas têm o papel de ajudar na transformação da sociedade e os alunos desempenham o papel de agentes na democratização desta sociedade. Os conteúdos são vivos e reais, convindo os interesses da sociedade e propiciando um ensino de qualidade.

De acordo com as reflexões de Luckesi (1990, p. 93), as interações pedagógicas compreendem a criação de ambientes propícios para a colaboração entre professores e alunos, visando facilitar essas trocas. Embora reconheça-se a importância inegável do papel dos adultos, destaca-se também a relevância da participação ativa dos estudantes no processo educacional. Em resumo, os alunos, ao mergulharem em suas experiências diretas no contexto cultural, engajam-se na busca pela verdade, confrontando-a com os conhecimentos e modelos transmitidos pelos professores.

3.4 Educação, Pedagogia tradicional, educação formal e informal

Para dar início aos tipos de educação precisamos saber mais sobre o que é educação, segundo o Dicionário de Língua Portuguesa Virtual (2025):

A educação é definida como a ação ou efeito de educar, de aperfeiçoar as capacidades intelectuais e morais de alguém: educação formal; educação infantil. Ação de desenvolver conhecimentos práticos, sociais, intelectuais.

Essa é uma das variadas definições dadas pelo dicionário. Apesar dessas várias definições, está citada acima não agrega ao vocábulo as reflexões necessárias, que sucedem de processos históricos, correntes teóricas, influências de políticas públicas, pois há a necessidade de aprofundar no estudo de conceitos, que transformando a visão do sujeito e os métodos empregados para educá-lo, reescrevendo a marca dos homens e do tempo na estruturação do processo educativo.

A pedagogia tradicional é voltada para a formação moral e intelectual dos alunos, com a escola como ambiente oficial de construção do conhecimento. Nesse modelo, o professor realiza aulas expositivas baseadas nas diretrizes do MEC,

enquanto o aluno busca compreender o conteúdo para avançar de ano letivo, sendo avaliado por provas e trabalhos. Embora metodologias alternativas tenham surgido, a pedagogia tradicional ainda possui relevância no desenvolvimento cognitivo de crianças e adolescentes.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB 9394/96, que atualmente regula o sistema educacional brasileiro, define o conceito de educação e propõe que este ultrapasse os limites da instituição escolar, reconhecendo sua dimensão espacial e social nas práticas dos educadores. Segundo a legislação (BRASIL. LDB 9394/96, art. 10):

A educação engloba os processos formativos presentes na vida familiar, nas interações sociais, no ambiente de trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais, nas organizações da sociedade civil e nas expressões culturais.

Em sintonia com os princípios da LDB, Gohn (2006) ressalta que a educação pode ocorrer em contextos nos quais grupos sociais interagem, compartilhando culturas transmitidas ao longo da história, e preparando indivíduos para a convivência na sociedade. Essa educação prévia deve ser considerada no contexto da educação formal, pois representa o acervo de conhecimentos que o aluno traz consigo ao ingressar na escola. Essa bagagem, para além da simples transmissão de conteúdos, constitui a formação do cidadão, ultrapassando os limites de qualquer disciplina específica no contexto escolar.

Atualmente, a LDB categoriza a educação escolar em Educação Básica (que inclui a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio) e Educação Superior. Além disso, são reconhecidas a Educação de Jovens e Adultos, a Educação Especial e a Educação Profissional, estas últimas inseridas, segundo a legislação, nos níveis fundamental e médio. Diante dessa diversidade de públicos e complexidade, cabe à escola e aos educadores refletirem sobre o impacto de suas práticas, buscando embasá-las de forma a promover uma formação integral do indivíduo, que valorize a cidadania, a solidariedade, a capacidade crítica e a criatividade na resolução de problemas.

Segundo Libâneo (2002), a educação não formal é aquela que "não se inscreve nas instituições formais de ensino, mas que também se organiza em currículos e processos pedagógicos", sendo um componente essencial para a

formação integral do sujeito, pois complementa a educação escolar ao oferecer outras formas de aprendizagem.

Os espaços não formais de educação, por sua vez, são ambientes nos quais a aprendizagem ocorre de maneira mais flexível e dinâmica, com menor rigidez nas metodologias aplicadas. Esses espaços podem ser representados por organizações comunitárias, ONGs, centros culturais, museus, grupos de jovens e adultos, entre outros, onde o aprendizado acontece de forma contextualizada e muitas vezes mais próxima das vivências cotidianas dos indivíduos. Tais espaços permitem que o sujeito se envolva em atividades educativas que têm uma relação direta com suas necessidades, interesses e realidades sociais, promovendo uma aprendizagem mais contextualizada e participativa.

A relação entre educação formal e não formal é complementar, conforme enfatiza Libâneo (2002), uma vez que a educação não formal preenche lacunas deixadas pela educação tradicional, proporcionando um aprendizado mais livre e adaptado aos diversos contextos em que os indivíduos estão inseridos. Assim, a educação não formal não substitui a educação formal, mas a potencializa, possibilitando uma formação mais completa e abrangente.

As possibilidades de aprendizagem nos espaços não-formais são múltiplas, oportuniza o ganho cognitivo com experiências vividas, através desses ambientes com a transferência de conhecimentos que ocorre além do estímulo na aprendizagem dos conteúdos curriculares, também age de modo direto na formação e desenvolvimento humano, uma vez que, atitudes podem ser desenvolvidos e estar sendo sempre reformulado durante a troca de saberes.

A educação não formal contribui para a produção do saber de modo que a mesma age no campo em que as pessoas, no caso os alunos estão em atividade como cidadãos, encontrando ideias e conhecimentos, os quais se formam por meio do compartilhamento de vivências.

Educação não formal é composta por toda atividade organizada e realizada fora do quadro do sistema formal de educação, promovendo determinados tipos de aprendizado a grupos e subgrupos específicos de uma população, podendo variar entre adultos, adolescentes ou crianças. Foge do padrão tradicional e também das exigências legais estipuladas pela LDB (BRASIL, 1996), ela apresenta maior flexibilidade para aplicar metodologias novas ou diferentes de ensino.

A educação formal é o sistema educativo que utiliza o modelo tradicional de ensino, com currículo padronizado e regras a serem seguidas, conforme estabelecido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (BRASIL, 1996).

A educação formal, conforme definida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), caracteriza-se por um sistema de ensino estruturado, com currículos padronizados e regras a serem seguidas, cujo principal objetivo é a formação acadêmica dos alunos. Entretanto, a LDB também reconhece a importância de integrar processos de aprendizagem que ocorrem fora do contexto da educação formal.

Embora a LDB tenha como foco a educação formal, ela não ignora a relevância das experiências educacionais não formais. No artigo 36 da LDB (BRASIL, 1996), está explicitado que a educação escolar deve ser complementada por atividades e experiências que transcendem o ambiente formal de sala de aula, como as atividades culturais, esportivas e outras práticas educativas que acontecem em contextos distintos da escola tradicional. Assim, o reconhecimento da educação não formal na LDB aponta para uma concepção de aprendizagem mais ampla, que valoriza não apenas o aprendizado acadêmico, mas também as experiências adquiridas em ambientes diversos, como nas atividades extracurriculares ou em contextos sociais e comunitários.

Dessa maneira, apesar de a educação formal ser o modelo principal estabelecido pela LDB, a lei também enfatiza a importância de processos educativos não formais, o que contribui para uma visão mais integrada e dinâmica da educação, promovendo uma aprendizagem que respeita às diversas formas de ensino e aprendizagem presentes no cotidiano.

Os espaços não-formais de educação podem contribuir muito para o ensino de geografia, uma vez que, é possível perceber que muitos professores estão presos a sala de aula, e contando que muitas escolas não têm uma boa estrutura, laboratórios, materiais, equipamentos para auxiliar no ensino-aprendizagem. A saída da sala de aula, pode favorecer muito a compreensão do aluno, possibilitando o contato com o que está sendo estudado.

A educação não formal surge para complementar a educação formal, uma vez que, sozinha, não consegue responder a todas as demandas sociais.

(JACOBUCCI, 2008, p. 64), destaca que “os espaços não-formais de ensino podem aproximar a sociedade do conhecimento científico”, ela organiza o processo de ensino aprendizagem sem seguir os requisitos formais, apresentando uma dinâmica diferenciada diferente do que é apresentado em sala de aula, nas aulas expositivas, a educação não formal vem para complementar a formal.

A utilização dos espaços não formais de educação contribui para a construção contextualizada dos conhecimentos à medida que o aluno tem a oportunidade de investigar e problematizar situações (NASCIMENTO *et al.*, 2014, p. 2130).

Durante o percurso formativo no curso de Licenciatura, é fundamental compreender que a aprendizagem é um processo complexo e multifacetado, que envolve uma série de transformações internas e individuais para cada aluno. De acordo com as teorias educacionais contemporâneas, a aprendizagem não ocorre de maneira homogênea, pois cada estudante traz consigo experiências prévias, características cognitivas, emocionais e sociais únicas, as quais influenciam diretamente seu modo de aprender.

Dessa forma, é necessário que o processo pedagógico seja planejado de maneira a respeitar as particularidades de cada sujeito, promovendo um ambiente de ensino que favoreça a construção do conhecimento de forma personalizada. A diferenciação dos processos de aprendizagem é, portanto, um aspecto crucial para o desenvolvimento de competências e habilidades dos futuros docentes, visto que cada aluno tem uma trajetória e uma forma própria de internalizar os conteúdos propostos.

Ensinar geografia ou qualquer outra disciplina não é simplesmente apresentar conceitos; e podemos utilizar também do espaço fora da escola, aquele chamado espaço não-formal de ensino, que muitas vezes é o espaço vivido pelos alunos, e quando se aproveita disso para a construção da aprendizagem se torna algo mais leve.

De acordo com Castellar (2006, p. 39):

Uma aprendizagem com base na construção do conhecimento sustenta que o aluno é um sujeito mentalmente ativo na aquisição dos saberes, estabelecendo-se como objetivo prioritário a potencialização de suas capacidades de pensamento.

A Geografia escolar aborda temáticas diversas e o entendimento das mesmas demanda uma análise em escala tanto global quanto local, é necessário a utilização de recursos didáticos variados, o espaço atual é resultado do que o homem fez há muito tempo e continua fazendo atualmente.

Os alunos quando conhecem diferentes realidades que são resultados da ação humana passam a se reconhecer como parte da sociedade, assim refletindo sobre suas ações e relações sociais e com o meio ambiente, melhorando a participação na sociedade em que estão inseridos. E se a geografia é uma ciência que proporciona uma visão ampla do conhecimento, o professor tem liberdade para ensinar o saber geográfico em diversificadas facetas, utilizando recursos diversos, entre eles os que estão presentes no cotidiano do aluno.

Frequentemente ao ensinar geografia nas escolas, o professor se limita a explicar e expor o conteúdo de maneira tradicional, para o ensino de geografia pode ser utilizados diferentes recursos didáticos, com finalidade de tornar as atividades mais dinâmicas e aulas e o processo de aprendizado dos conceitos geográficos, procurando fazer com que os alunos se sintam mais motivados, interessados e participem mais das aulas.

No contexto educacional contemporâneo, observa-se uma crescente busca por abordagens mais interativas e dinâmicas no ensino, especialmente no campo da Geografia, onde os espaços não formais de educação desempenham um papel fundamental. As atividades realizadas em trabalhos de campo, por exemplo, representam uma valiosa oportunidade de integrar teoria e prática, proporcionando aos estudantes experiências que ampliam sua compreensão sobre os processos geográficos em um cenário real.

Tais experiências são essenciais, pois permitem que os alunos desenvolvam habilidades de observação, análise e interpretação dos fenômenos naturais e sociais, promovendo um aprendizado mais significativo e contextualizado. Dessa forma, os espaços não formais de educação, como os trabalhos de campo, contribuem de maneira decisiva para a formação de cidadãos críticos e conscientes, capacitados a compreender e atuar nas questões que envolvem o território e o meio ambiente.

4 A INTEGRAÇÃO DOS ESPAÇOS NÃO FORMAIS NO ENSINO DE GEOGRAFIA E SEUS DESAFIOS

A amostra composta por doze (12) professores(as) de Geografia foi composta entre docentes de algumas cidades de Minas Gerais, e um professor oriundo do Rio de Janeiro. A distribuição segundo cidade de residência/lotação dos entrevistados foi a seguinte: três docentes de Ouro Preto – MG, três de Mariana – MG, dois de Itabirito – MG, um de Santa Bárbara – MG, um de Raul Soares – MG, um de Contagem – MG e um do Rio de Janeiro – RJ.

Para avaliar a representatividade desses dados, é necessário considerar as especificidades locais e regionais das cidades em questão. A amostra, embora diversificada, apresenta algumas limitações em termos de tamanho e abrangência. As cidades de Ouro Preto, Mariana e Itabirito concentram a maior parte dos entrevistados, com três e dois professores, respectivamente. Essas cidades possuem características educacionais e culturais distintas, e a representação de professores nelas é mais expressiva. Por outro lado, cidades menores como Santa Bárbara, Raul Soares e Contagem, com apenas um ou dois entrevistados, têm uma representatividade proporcionalmente menor, o que pode limitar a generalização dos resultados para essas localidades.

Ademais, a presença de um professor oriundo do Rio de Janeiro pode ser vista como um contraste significativo, visto que a realidade educacional e cultural da capital fluminense difere consideravelmente da de Minas Gerais. Essa inclusão, embora traga uma perspectiva distinta, diminui a representatividade do Rio de Janeiro no contexto geral da pesquisa, que tem como foco algumas cidades do estado de Minas Gerais.

Em termos de contexto regional, cidades como Ouro Preto e Mariana, com sua histórica relevância cultural e educacional, podem apresentar uma realidade educacional mais consolidada e estruturada, em comparação com cidades menores ou mais periféricas, como Raul Soares e Santa Bárbara, que possuem menos infraestrutura e, possivelmente, contextos educacionais distintos. Nesse sentido, a amostra reflete bem as particularidades de algumas regiões de Minas Gerais, mas não captura de forma equitativa as realidades de todas as localidades envolvidas.

Portanto, a análise dos dados deve ser feita com cautela, levando em consideração que a amostra não é plenamente representativa das diversas realidades

educacionais e sociais de Minas Gerais, principalmente devido à distribuição desigual dos professores entre as cidades. A presença do único entrevistado do Rio de Janeiro também deve ser tratada como uma variável externa, que pode influenciar a interpretação dos resultados no contexto específico de Minas Gerais.

Em suma, a amostra pode ser considerada representativa em algumas localidades de Minas Gerais, especialmente nas cidades de maior porte, mas carece de uma representatividade mais robusta das cidades menores, que possuem apenas um ou dois professores entrevistados. A inclusão do Rio de Janeiro, por sua vez, deve ser vista como um fator de contraste, mas não necessariamente como parte integrante do perfil educacional de Minas Gerais.

Nomearemos os docentes de Professor 1, Professor 2, e assim por diante, e a técnica escolhida para a análise pode ser classificada como descritiva.

Por mais que seja uma pesquisa de cunho qualitativo, primeiramente foi agrupado ideias parecidas por aproximação de respostas de cada Professor participante, me envolvi ativamente no contexto, interagindo com as respostas, a fim de compreender a dinâmica, com intenção de que o estudo possa permitir uma compreensão mais profunda da realidade observada, evitando ao máximo interferir excessivamente nas respostas coletadas.

Os professores destacaram que os espaços não formais oferecem uma oportunidade de romper com as práticas tradicionais, criando um ambiente mais dinâmico e atraente para as aulas. Salientam que neste tipo de espaço, é possível aplicar estratégias metodológicas mais eficazes, aproveitando o conhecimento prévio dos alunos. O conceito é tirar a aula da sala de aula e levá-la para o mundo real, indo além dos livros e mapas, permitindo que os estudantes vivenciem a Geografia na prática. O educador, ao utilizar esses recursos, facilita o aprendizado em que o aluno consegue se conectar com sua própria realidade.

Destaco o que foi escrito pelo professor 6: “O papel do professor é fundamental nesse processo, pois ele deve orientar, mediar e potencializar o aprendizado”, ajudando o aluno a perceber que a Geografia não se resume a memorizar nomes de rios, montanhas ou estações do ano, mas está presente em todos os aspectos da vida cotidiana, citada por um professor como “geografia da palma da mão”, aquela presente no dia a dia de cada um, no modo de vida.

Sobre isso, Tomita (1999) destaca que, se o ensino da Geografia for conduzido dessa forma, utilizando metodologias que envolvem o aluno no processo de aprendizagem, contribuirá para a formação de cidadãos com uma visão crítica e uma maior percepção ambiental.

Quanto ao uso de espaços não formais, percebeu-se que apenas um (a) professor (a) não consegue utilizar com frequência uma vez que a Secretaria de Educação do local não permite, tudo tem que ser feito dentro do ambiente escolar.

Notou-se que a necessidade de recursos inviabiliza a ocorrência de utilização com maior frequência destes espaços, tornando assim mais favorável a utilização dos espaços presentes dentro da escola, por exemplo os jardins, essa falta de recursos foi citada em seis respostas. Ao integrar esses locais, onde os alunos têm maior convivência, aos conteúdos curriculares, é possível fomentar o sentimento de pertencimento em relação ao espaço geográfico, proporcionando uma experiência enriquecedora.

Os professores entrevistados destacam diversas vantagens da educação não formal. Eles afirmam que as aulas se tornam mais interessantes e dinâmicas, criando uma maior conexão entre alunos e professores. Como veremos nos trechos escritos por eles(elas):

Aulas mais dinâmica, alunos mais criativos e envolvidos nas atividades (Professor 1);
Aproxima mais o aluno do professor, além disso faz com que o aluno passe a observar que ao estudar a Geografia passam a conhecer o nosso espaço. (Professor 2);
Promove um raciocínio crítico maior nos alunos, despertando a curiosidade, desenvolvendo o protagonismo e até mesmo a autonomia dos estudantes no seu próprio processo de aprendizagem (Professor 3);
Contribui para que o aluno consiga sair da abstração (Professor 5);
O fato é que a educação não formal faz o elo entre teoria e prática. (Professor 6);
Eu percebo que em espaços não-formais há menos problemas de indisciplina dos alunos, precisamente porque eles ficam mais envolvidos e motivados. (Professor 8);
Estimula a curiosidade, estabelece comparações, atualiza, conscientiza. (Professor 11).

Esse tipo de abordagem estimula o desenvolvimento do pensamento crítico ao integrar o conhecimento e os conceitos formais com a realidade cotidiana. O vínculo entre teoria e prática, presente nos ambientes não formais, desperta o interesse dos estudantes e amplia sua curiosidade, pois eles deixam de trabalhar apenas com abstrações e começam a relacionar o conteúdo com seu dia a dia. Além

disso, a educação não formal favorece a interdisciplinaridade, proporcionando um aproveitamento completo e incentivando o protagonismo e a autonomia dos alunos no processo de aprendizagem.

A educação não formal desempenha um papel fundamental na formação da consciência crítica e cidadã dos estudantes, sobretudo no que se refere a questões geográficas e ambientais.

Diferentemente da educação formal, que ocorre em instituições de ensino e segue um currículo estruturado, a educação não formal acontece em espaços diversos, como museus, parques, projetos comunitários e atividades ao ar livre, a educação é um processo contínuo e crescente de aprendizado, e utilizar dos espaços para dar seguimento a esse processo pode ser fundamental para renovar os valores e a percepção dos problemas.

Nehme *et al.* (2011, p.225) destaca que estimulando a tomada de consciência de problemas seja ambientais ou sociais possibilitando a mudança, através de pequenas atitudes individuais ou da participação e envolvimento na resolução de problemas.

A utilização de espaços não formais, quando integrada ao conteúdo aprendido em sala de aula, possibilita uma conexão mais profunda com a realidade social, permitindo que os estudantes analisem problemas concretos e busquem soluções para as questões do contexto socioespacial.

A experiência nesses ambientes proporciona um aprendizado mais significativo, favorecendo o desenvolvimento do senso crítico e ampliando a compreensão dos temas estudados. Como afirma Paulo Freire, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (FREIRE, 1996, p. 25). Dessa forma, ao vivenciar diretamente realidades diferentes, os alunos não apenas assimilam conteúdos, mas também constroem conhecimento a partir da interação com o mundo ao seu redor.

Além disso, esta abordagem contribui para que superem sentimentos de exclusão, como ressaltado pelo Professor 8 em sua resposta, e passem a se considerar como parte ativa desses espaços, o que é especialmente relevante para aqueles em situação de vulnerabilidade social. Muitas experiências que, de outra forma, ficariam restritas aos livros ou ao ambiente virtual tornam-se tangíveis,

enriquecendo a construção do conhecimento e fortalecendo o vínculo com a realidade em que estão inseridos.

Dentre as problemáticas identificadas destaca-se que alguns professores enfrentam diversas dificuldades para acessar os espaços não formais como foi destacado pelo Professor 11, como a falta de apoio institucional, problema esse citado pela grande maioria dos professores no questionário, burocracia para obtenção de autorizações, deficiências de recursos financeiros, falta de formação específica para integrar essas atividades ao currículo e dificuldades logísticas, como transporte e segurança dos alunos.

Além disso, a ausência de políticas públicas que incentivem e facilitem essas práticas pode limitar ainda mais a utilização desses espaços como ferramenta pedagógica. Para que a educação em espaços não formais seja realmente eficaz, é necessário um planejamento pedagógico cuidadosamente estruturado, que integre vivências ao currículo escolar, garantindo que os alunos possam experimentar uma aprendizagem prática e contextualizada.

Ainda que o uso de metodologias ativas, como a aprendizagem baseada em projetos e a resolução de problemas, são essenciais para envolver os alunos de maneira mais dinâmica e estimulante, a melhoria bem-sucedida dessa abordagem demanda o apoio da direção escolar, das secretarias de educação e dos programas educacionais oferecidos pelo governo federal, que podem fornecer os recursos necessários.

Outra questão refere-se à formação continuada de professores, assim como mencionado em respostas dos Professores 3, e Professor 10, um componente essencial para o sucesso da educação em espaços não formais. De modo que os educadores possam utilizar de forma eficaz as metodologias inovadoras e os recursos pedagógicos disponíveis, assim é fundamental que haja um investimento contínuo em programas de capacitação.

Esses programas devem proporcionar aos docentes o aprimoramento constante de suas habilidades, permitindo-lhes adaptar suas práticas pedagógicas às novas demandas do contexto educacional. Além disso, a formação continuada deve incluir a familiarização com novas tecnologias educacionais, metodologias ativas de ensino, e a integração de experiências de aprendizagem fora do ambiente escolar.

O processo de capacitação contribui não apenas para o desenvolvimento profissional dos professores, mas também para a melhoria da qualidade do ensino, garantindo que eles estejam preparados para enfrentar os desafios que surgem.

É vital que políticas públicas robustas promovam o uso de espaços não formais e assegurem a igualdade no acesso a essas oportunidades de aprendizado. O compromisso contínuo do governo e a implementação de programas direcionados à educação ambiental, urbana e territorial são fundamentais para garantir que todos os estudantes, independentemente de sua classe social ou localização geográfica, tenham acesso a esses pontos, como destaca Gadotti (2000), a educação deve ser compreendida como um processo transformador.

Com o apoio da gestão escolar, a colaboração com a comunidade, a formação continuada de educadores, o financiamento adequado e políticas públicas eficazes, os espaços não formais podem se tornar um instrumento fundamental para preparar os alunos não apenas para entender o mundo ao seu redor, mas para agir de forma consciente e responsável diante dos desafios sociais.

A utilização de espaços não formais no ensino de Geografia tem o potencial de aumentar o interesse dos alunos pela disciplina, embora esse interesse possa variar conforme o nível de ensino.

No ensino fundamental, os estudantes demonstram maior engajamento ao explorar ambientes fora da sala de aula, o que facilita o aprendizado e torna o conteúdo mais atraente. Como destaca Freire (1996), ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria construção, e, ao utilizar diferentes espaços, o professor proporciona aos alunos a oportunidade de construir o conhecimento de forma mais concreta e envolvente.

Por outro lado, no ensino médio, muitos alunos têm uma maior predisposição para sair da escola, muitas vezes sem conectar essas saídas ao aprendizado, tal como descreve o Professor 3 em sua resposta:

Acredito ser algo que varia do nível de ensino. Alunos do Ensino Fundamental, nos Anos Finais, tendem a ter um interesse maior pela utilização de outros espaços, e dessa forma, adquirir um certo interesse pelo componente curricular. Já no Ensino Médio, a utilização de espaços não formais é mais difícil de interferir no interesse pelo componente curricular, pois em muitos casos, estão interessados apenas em sair da escola, não importando com o que vão visualizar ou executar fora da sala de aula (Professor 3).

O desinteresse pode ser agravado pela superlotação das salas de aula, que prejudica a concentração e aumenta a dispersão durante as atividades, o que dificulta a aprendizagem, uma vez que dificulta a concentração e aumenta a dispersão durante as atividades. Em um ambiente com muitos estudantes, a atenção dos alunos tende a se dispersar devido ao barulho, à movimentação constante e à falta de espaço adequado, o que resulta em um ambiente propenso à desorganização. Além disso, a sobrecarga de alunos dificulta a capacidade do professor de oferecer atenção individualizada, o que pode afetar diretamente a motivação dos estudantes. O aumento das distrações, como conversas paralelas, também prejudica o andamento das atividades e impede um aproveitamento mais eficaz do tempo em sala de aula.

Segundo Gadotti (2000), a qualidade do ensino está intimamente ligada à organização do ambiente escolar, sendo a estrutura física e o número de alunos. Portanto, a utilização de espaços não formais pode ser uma estratégia valiosa para superar essas dificuldades.

Como a Geografia tem o Espaço como seu principal objeto de estudo, levar os alunos a ambientes externos permite que eles vivenciem o conteúdo de maneira mais prática, tornando o aprendizado mais significativo e conectando teoria e realidade. Nesse contexto, a experiência fora da sala de aula não apenas desperta o interesse dos estudantes, mas também contribui para a construção de uma aprendizagem mais ativa e participativa.

Cada docente adota uma abordagem particular ao elaborar o planejamento, sempre respeitando as diretrizes da instituição de ensino. Esse planejamento é estruturado de acordo com o cronograma de conteúdos a serem trabalhados, buscando integrar a interdisciplinaridade de forma significativa. Alguns educadores fazem uso dos espaços próximos à escola, de modo a facilitar a locomoção dos alunos e enriquecer o processo educativo.

A definição de objetivos específicos é essencial nesse contexto, podendo incluir a compreensão de características geográficas, o desenvolvimento do pensamento crítico ou a promoção da conscientização ambiental. Assim, a escolha dos espaços é feita com base na adequação aos propósitos pedagógicos, abrangendo locais como parques naturais, museus, centros culturais etc.

Além disso, é fundamental considerar a acessibilidade e os recursos disponíveis para cada turma, garantindo que o planejamento seja viável e eficaz. No

entanto, houve um(a) docente que relatou uma experiência distinta, mencionando a inexistência de acesso a espaços não formais, por a Secretaria de Educação local não permitir, não apenas por falta de recursos, mas possivelmente pela localização da escola e outros problemas relacionados à segurança.

A incorporação de espaços não formais na educação depende da disponibilidade da escola em adotar essa metodologia, bem como da disponibilidade de recursos e do suporte pedagógico adequado. Para que essas práticas sejam renovadas de forma eficiente, é essencial contar com o apoio dos órgãos competentes, garantindo que sua aplicação ocorra de maneira planejada e alinhada aos objetivos educacionais.

Como afirma Milton Santos (1996), o espaço não é um mero palco onde ocorrem os acontecimentos, mas um conjunto de relações que influenciam a experiência humana. Nesse sentido, a utilização de espaços não formais enriquece o aprendizado para permitir que os alunos interajam com diferentes dinâmicas espaciais.

Contudo, é necessário compreender que esses espaços não devem ser vistos como uma solução para a precariedade da infraestrutura escolar, mas sim como um recurso pedagógico complementar. Yves Lacoste (2005), em sua obra: *“A Geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra”* traz uma crítica sobre o ensino de Geografia engessado, e nos motiva que a Geografia escolar deve caminhar no sentido de compreender criticamente a realidade dos discentes e atuar sobre ela. Assim, explorar ambientes externos pode ampliar as possibilidades educativas, mas não pode substituir a necessidade de investimentos para uma boa estrutura do ambiente escolar, que continua sendo essencial para a formação dos alunos.

Locais como museus, centros culturais, parques naturais e universidades oferecem acesso a estruturas e acervos que, muitas vezes, não estão disponíveis dentro das escolas. Além disso, essas lacunas procuram contextos reais de aprendizagem, nos quais os alunos podem vivenciar e interpretar características geográficas de maneira concreta.

De acordo com Porto-Gonçalves (2006), uma geografia não deve ser apenas descritiva, mas analítica e crítica, permitindo que o estudante compreenda as relações espaciais e sociais que moldam seu entorno. Um passeio a um parque

natural, por exemplo, possibilita a observação direta de processos ecológicos e geológicos, agregando valor ao ensino tradicional e incentivando uma visão mais ampla.

Entretanto, a implementação dessas atividades enfrenta desafios atuais, como a escassez de recursos, a disponibilidade de profissionais e o envolvimento ativo dos estudantes. Muitas vezes, essas dificuldades impedem que as propostas saiam do papel. Além disso, há um problema estrutural a ser considerado: há dificuldades na manutenção da infraestrutura escolar, como garantir a viabilização de atividades externas?

Neste sentido Milton Santos (2004) coloca que o espaço geográfico é um sistema de objetos e ações, e a desigualdade no acesso a certos recursos reflete diretamente na experiência educacional. Assim, as atividades em espaços não formais devem ser uma extensão do ensino escolar, e não uma tentativa de compensar suas deficiências.

O ambiente escolar continua sendo o local central da formação educacional, onde os alunos se apropriam de conceitos fundamentais e se preparam para experiências externas. Como reforça David Harvey (1992), a compreensão do espaço e do tempo é essencial para a análise das relações sociais. Dessa forma, embora os espaços não formais possam suprir lacunas de infraestrutura em alguns casos, eles jamais substituirão a interação e a troca de saberes que acontecem.

Portanto, a utilização de espaços não formais deve ser estrategicamente planejada, sempre com a intenção de complementar e enriquecer a experiência educacional. Quando bem integrados ao currículo, esses espaços tornam-se uma ferramenta valiosa para estimular a aprendizagem, proporcionar vivências significativas e ampliar a visão dos alunos sobre as dinâmicas do espaço geográfico. Como bem coloca Milton Santos (2000), o espaço deve ser visto como um meio de possibilidades, e a educação geográfica, quando bem estruturada, pode proporcionar aos alunos que consigam compreender as transformações do mundo de maneira ativa e reflexiva.

Observou-se que muitos desses professores possuem maior facilidade de acesso aos espaços não formais, próximos ou não da escola, há um(a) outro professor(a) que enfrenta maiores dificuldades, principalmente em virtude da classificação da Secretaria de Educação local. De acordo com os questionários

respondidos, ficou claro que a educação não formal surge como um complemento à educação formal, pois, sozinha, a escola não consegue atender a todas as necessidades educacionais. Embora a escola seja, sem dúvida, um ambiente de grande relevância, não é o único que pode contribuir para o processo formativo, que é contínuo e dinâmico.

O Professor 6 coloca uma problemática na utilização dos espaços não formais:

[...] uma relação problemática. Se não há recursos para manter os espaços de aprendizagens formais, como angariar recursos para que os alunos possam se apropriar de espaços externos à escola? Não pode ser uma compensação, pois o trabalho externo é uma complementação do trabalho iniciado em contexto escolar. Se passamos a maior parte do tempo no ambiente escolar, e é preciso deste para se apropriar de conceitos e se preparar para trabalhos externos, podemos afirmar que o trabalho em espaços não formais jamais compensará os espaços de troca dentro das escolas (Professor 6).

Importante destacar que a utilização desses espaços não visa compensar a ausência de laboratórios ou a deficiência das infraestruturas escolares, mas sim complementar o aprendizado iniciado na sala de aula ou antecipar conteúdos que serão posteriormente trabalhados nesse ambiente. As interações nos espaços não formais têm grande importância, assim como as realizadas no contexto escolar.

Entretanto, segundo grande parte dos professores a escassez de recursos continua a ser um obstáculo significativo para o aproveitamento de outros tipos de espaços não formais. Frequentemente, essa limitação impede que essas iniciativas saiam do papel, sendo sabido que, muitas vezes, os recursos são escassos ou inexistentes. Os espaços não formais, contudo, não devem ser a única alternativa para expandir o horizonte geográfico.

Atualmente, podemos contar com as tecnologias, que se renovam continuamente, não podemos deixar de ressaltar que a tecnologia é a integração de todos os espaços e tempos, assim

[...] o ensinar e o aprender acontece numa interligação simbiótica, profunda, constante entre o que chamamos mundo físico e mundo digital. Não são dois mundos ou espaços, mas um espaço estendido, uma sala de aula ampliada, que se mescla, hibridiza constantemente. (MORÁN, 2013, p. 22)

As tecnologias utilizadas de maneira apropriada, podem contribuir consideravelmente para o estímulo e valorização da área do conhecimento.

Ao fugir do ensino tradicional e da educação formal, é possível aproveitar o vasto “laboratório” oferecido pelo próprio contexto dos alunos, que é a experiência direta com a cidade e suas potencialidades. Mesmo com as burocracias inerentes ao processo educacional, essas dificuldades podem ser superadas ao longo dos anos de docência, conforme destacado pelos professores.

5 O ESPAÇO GEOGRÁFICO DE OURO PRETO: RELEVÂNCIA PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO LOCAL

O estudo do espaço geográfico de uma cidade permite que os alunos relacionem os conceitos abstratos da geografia, como urbanização, mobilidade, uso do solo e distribuição de recursos, com a realidade local e são motivados a identificar problemas sociais, ambientais e econômicos presentes no cotidiano da localidade, como desigualdade social, poluição ou planejamento urbano. As cidades são microcosmos onde as dinâmicas econômicas, sociais e ambientais se manifestam de forma intensiva. Essa aproximação facilita a compreensão e torna o conteúdo mais acessível e tangível. Esse processo estimula o desenvolvimento do pensamento crítico e a capacidade de refletir sobre soluções para esses problemas.

O espaço geográfico de uma cidade também está interligado com outras áreas do conhecimento, como história, sociologia, economia e ecologia. Ao explorar a cidade, os alunos compreendem melhor as interações entre esses campos e como as dinâmicas locais afetam, e são afetadas, por fenômenos globais.

Portanto, estudar geografia com foco no espaço de uma cidade específica torna o aprendizado mais concreto, dinâmico e relacionado à realidade do aluno, permitindo que ele compreenda a complexidade dos espaços urbanos e suas implicações para o desenvolvimento sustentável.

O estudo de uma cidade específica, no caso a cidade escolhida foi a cidade de Ouro Preto – MG, permite que os alunos reconheçam e valorizem a história, a cultura, a infraestrutura e os desafios da sua própria comunidade. Esse vínculo com o local aumenta o interesse pela geografia e fomenta o sentimento de pertencimento e responsabilidade com o ambiente em que vivem.

5.1 Conceito de Espaço Geográfico

A Geografia como disciplina escolar oferece a alunos e professores sua contribuição para o enriquecimento de suas representações sociais e seu conhecimento das diversas dimensões da realidade social, natural e histórica, uma melhor compreensão do mundo em seu contínuo processo de transformação, o momento atual da chamada globalização da economia.

O espaço geográfico é um dos principais conceitos da geografia, pode ser entendido como o espaço modificado pelo homem, composto pela sociedade e pelo

espaço natural. Suas definições variam conforme as diferentes correntes do pensamento geográfico. Encontra-se em constante transformação, pois pode ser construído e alterado pelo homem.

Em sua fase inicial era apenas presente aspectos naturais, mares, rios, montanhas, plantas etc. Com o surgimento do homem começaram as mudanças nesse espaço, desde os primórdios da humanidade até os dias atuais foram muitas mudanças, podendo se constatar que o espaço geográfico sofre constantes alterações.

Como aponta Santos (1996, p. 114):

[...] o espaço é tempo acumulado, é história geografizada, a Geografia Escolar ensinada é um produto histórico social, pois, tanto o professor quanto o aluno são seres históricos, pertencentes à determinada localidade do espaço geográfico, carregando consigo uma bagagem histórica, adquirida da sua própria vivência (SANTOS, 1996, p.114).

Observa-se também que o ensino da geografia é de imensa importância na concretização desses atributos e tem a função de inculcar nos alunos uma adequada compreensão e análise da realidade socioespacial. No entendimento de Milton Santos, averigua-se que, para ter eficácia, o processo de aprendizagem deve, em primeiro lugar, partir da consciência da época em que vivemos. Isto significa saber o que o mundo é e como ele se define e funciona, de modo a reconhecer o lugar de cada país no conjunto do planeta e o de cada pessoa no conjunto da sociedade humana. É desse modo que se podem formar cidadãos conscientes, capazes de atuar no presente e de ajudar a construir o futuro (SANTOS, 1997, p. 121).

5.2 Ouro Preto-MG, um espaço geográfico a ser explorado pela Geografia Escolar

O município encontra-se na Serra do Espinhaço, na Zona Metalúrgica de Minas Gerais (Quadrilátero Ferrífero), na Região Central do estado, a cerca de 98 km da capital Belo Horizonte.

A cidade de Ouro Preto – MG, vai além da beleza central, quando vista pelos olhos de um educador a cidade torna-se instrumento para o ensino de variadas disciplinas, podendo ser história, geografia, português, ciências entre outras e também tendo a possibilidade de fazer uma interdisciplinaridade, que é quando pode-se

relacionar duas ou mais áreas do conhecimento, conteúdos, disciplinas com a finalidade de melhorar a aprendizagem ou o processo de aprendizagem.

Em Ouro Preto tem-se um panorama cultural e ecológico diverso, pois é uma cidade rica em história, cultura e belezas naturais. Conta com diversas ruas de pedras, e arquitetura colonial remetendo ao período do ouro, principalmente na área central e no trajeto conhecido como Jacobas e Mocotós, que engloba os bairros, os Jacobas moradores do bairro Antônio Dias, e os Mocotós os moradores do bairro do Pilar, cada um deles com suas características.

Além de ser considerado um museu a céu aberto a cidade conta com um circuito diverso de museus, Igrejas e Minas, como o Museu da Inconfidência, A Casa dos Contos, Casa de Aleijadinho, Museus do Oratório, Mina de Chico Rei, Mina Jeje, Basílica Matriz de Nossa Senhora do Pilar, Igreja Matriz de Santa Efigênia, etc., e também as áreas ecológicas, como o Parque Estadual do Itacolomy, Parque Natural Municipal das Andorinhas. Todo ambiente da cidade pode ser utilizado para estudo, a cidade não é apenas uma arquitetura bonita, de passado de escravidão e luta.

5.3 A importância da utilização da cidade de Ouro Preto – MG como espaço não formal no ensino de Geografia

A importância geográfica de Ouro Preto está relacionada à sua localização estratégica no estado de Minas Gerais, no alto da Serra do Espinhaço. A cidade foi um importante centro de mineração de ouro durante o período colonial, e sua posição nas montanhas facilitava o acesso aos rios e à extração de recursos naturais. Além disso, a topografia acidentada de Ouro Preto, com suas ruas estreitas e íngremes, foi um fator de defesa durante os conflitos da época.

Sua geografia também foi essencial para o desenvolvimento de um comércio e circulação de pessoas, ligando Ouro Preto a outras regiões do Brasil durante o ciclo do ouro. Hoje, a cidade continua sendo relevante, tanto do ponto de vista turístico quanto histórico, devido à sua preservação das características geográficas e culturais que marcaram sua importância no passado.

A escolha desta cidade deu-se por eu enquanto moradora não ter conhecido os espaços não formais da cidade por meio da escola, principalmente durante o ensino fundamental I e II, e como um ser que se sente pertencente a este lugar foi criado essa proposta de trabalho de campo pelas ruas da cidade.

Ouro Preto é um excelente local para abordar diversas disciplinas de maneira interdisciplinar. Aqui estão algumas sugestões de disciplinas que podem ser usadas para estudo na cidade, com base nos pontos de interesse históricos, artísticos e culturais que a cidade oferece:

a) História:

- Ciclo do Ouro e a Formação do Brasil Colonial: Estudo sobre a mineração e seu impacto na economia, sociedade e política do Brasil. A cidade foi um dos maiores centros de mineração de ouro no Brasil colonial.

- A Inconfidência Mineira: Discussão sobre o movimento separatista contra o domínio português, figuras importantes como Tiradentes e a análise das causas e consequências da Inconfidência.

- Colonização e escravidão: Reflexões sobre o trabalho dos escravizados nas minas e na construção das cidades, especialmente Ouro Preto, e como isso moldou a sociedade da época.

b) Geografia:

- Geografia Física: Estudo da formação geológica de Ouro Preto e sua relação com a mineração de ouro. Análise das serras, rios e relevo local.

- Impactos Ambientais da Mineração: Discussão sobre os efeitos ambientais causados pela mineração de ouro, como erosão, alteração da paisagem e danos ecológicos, comparando com a mineração atual.

- Urbanização e Patrimônio: Reflexões sobre como a cidade se desenvolveu e foi organizada no passado e como ela preserva seu patrimônio arquitetônico e histórico. Limitações de acessibilidade.

c) Artes:

- Arte Barroca Brasileira: Estudo sobre a arquitetura e a arte de Aleijadinho, o pintor Athayde, e outros artistas da época colonial. A visita a igrejas e museus permite um estudo direto do barroco mineiro.

- Escultura e Arquitetura Colonial: Análise das esculturas de Aleijadinho e outros mestres, além das características da arquitetura das igrejas e casarões coloniais. Os alunos podem observar os detalhes das obras e até tentar recriar algo inspirado no estilo barroco.

- Patrimônio Cultural e Conservação: A importância da preservação do patrimônio cultural e a relação da arte com a identidade cultural de um povo.

d) Filosofia:

- Liberdade e Luta Política: Discussão filosófica sobre a busca pela liberdade e a luta contra a opressão, inspirada nos movimentos como a Inconfidência Mineira. Questões sobre ética, liberdade e justiça podem ser exploradas.

- Conceitos de Revolução: Reflexões sobre as ideias que embasaram movimentos como a Inconfidência Mineira e como elas se relacionam com outras revoluções históricas, como a francesa ou a americana.

e) Literatura:

- Literatura Mineira: Estudo de escritores de Minas Gerais que falam sobre Ouro Preto e a região, como Carlos Drummond de Andrade e João Guimarães Rosa, explorando a construção literária e suas raízes culturais. Autores ouro-pretanos ou que tiveram grande importância na cidade como Cláudio Manoel da Costa, Alvarenga Peixoto e Tomás Antônio Gonzaga.

- Poesia e Prosa do Brasil Colonial: Análise de textos que abordam a vida e os sentimentos da população durante o ciclo do ouro e o impacto da opressão portuguesa na sociedade mineira.

f) Sociologia:

- Sociedade Colonial e Escravidão: Reflexão sobre a estrutura social no Brasil colonial, com destaque para a divisão entre escravizados, elites coloniais e indígenas. Estudo sobre as relações de poder, exploração e resistência.

- Movimentos Sociais: Análise da Inconfidência Mineira e outros movimentos de resistência contra o domínio português. Discussão sobre como a sociedade se organiza para lutar por seus direitos e a independência.

g) Educação Física:

- Atividades ao Ar Livre: Estudo sobre como a geografia de Ouro Preto, com suas ladeiras e terrenos irregulares, influencia a mobilidade e as atividades físicas. Propor atividades recreativas ou desafios de caminhada pela cidade.

- Cultura Corporal e Danças Típicas: Em algumas festas locais, pode-se estudar as danças e expressões corporais típicas de Minas Gerais, como o congado ou o samba.

h) Química:

- Minerais e Extração de Ouro: Análise dos processos químicos envolvidos na mineração do ouro, como o uso de mercúrio e outros produtos para extração, e seus impactos ambientais.

i) Educação Moral e Cívica:

- Cidadania e Independência: Discussão sobre o significado da luta pela liberdade e o papel da cidade de Ouro Preto na formação da identidade nacional, com ênfase na contribuição de movimentos como a Inconfidência Mineira para o pensamento cívico e patriótico.

Esse enfoque interdisciplinar permite que os alunos se envolvam com o conteúdo de maneira mais ampla, aproveitando as várias dimensões culturais, históricas e geográficas que a cidade oferece.

Ouro Preto, com sua riqueza histórica, cultural, econômica e geográfica, se configura como um excelente exemplo de estudo para a Geografia Escolar.

A cidade permite que os alunos compreendam as interações entre o meio físico, a história, as dinâmicas sociais e os processos urbanos, tornando o aprendizado mais contextualizado, dinâmico e significativo. Ao explorar o espaço geográfico de Ouro Preto, os estudantes podem perceber de forma concreta como os aspectos naturais e humanos se inter-relacionam e moldam o desenvolvimento de uma cidade.

A análise das respostas dos professores possibilitou a elaboração de um roteiro, com o objetivo de orientar professores e alunos no uso dos espaços não formais da cidade de Ouro Preto para o estudo do espaço geográfico.

Além disso, esses locais também oferecem a oportunidade de promover a interdisciplinaridade. A seguir, apresentamos o folder nas imagens 1 e 2, com um breve resumo histórico da cidade de Ouro Preto – MG, e algumas dicas que servem para informar os alunos, e em anexo B está a atividade completa para ser feita durante e após o trabalho de campo.

Figura 1 – Folder (frente) do roteiro de visita a cidade de Ouro Preto - MG

O que você precisa saber

HISTÓRIA

Ouro Preto é uma cidade histórica situada em Minas Gerais, reconhecida por sua arquitetura colonial e grande valor cultural. Fundada no século XVII, foi um dos principais centros de exploração do ouro no Brasil. Suas construções antigas, igrejas barrocas e ruas de pedra fazem parte do Patrimônio Mundial da Humanidade, atraindo turistas de várias partes do mundo. A cidade também é lembrada por seu papel na Inconfidência Mineira, movimento que buscava a independência do Brasil. Ouro Preto representa um marco importante na história e na cultura do período colonial brasileiro.

SOBRE AS IGREJAS

Durante o século XVIII, a cidade prosperou com a exploração do ouro, e parte dessa riqueza foi investida na construção de igrejas e capelas. A Igreja Católica tinha grande influência na época, e as igrejas eram não apenas locais de culto, mas também símbolos de poder e riqueza. Cada irmandade ou confraria, que eram grupos de fiéis com objetivos religiosos e sociais, costumava construir sua própria igreja. Isso resultou em uma grande concentração de templos em Ouro Preto, refletindo tanto a devoção religiosa quanto a opulência do período.

Agora vamos fazer um diário?

Registre o que viu pela cidade, utilize relatos e fotos para criar o seu diário de campo.




Julyana Maysa Tomaz Neves

Ouro Preto - Minas Gerais




Vamos conhecer nosso espaço geográfico? Hoje vamos fazer uma visita a cidade de Ouro Preto, bora lá ?

Elaboração: Julyana Maysa Tomaz Neves (2025)

Figura 2 – Folder (verso) do roteiro de visita a cidade de Ouro Preto – MG

Roteiro

Saída do Terminal rodoviário 8 de Julho, local com vista da cidade, vegetação, monumentos, deslizamentos e a diferença entre o centro histórico e os bairros. Seguimos pela Rua São Francisco de Paula, com parada na Igreja São Francisco de Paula para mais observações. Continuamos pela Rua Teixeira Amaral, chegando à Igreja de São José, onde fica o cemitério em que está o restos mortais de Bernardo Guimarães, autor de Escrava Isaura. Descendo a rua, chegamos ao centro histórico pela Rua São José e à Rua Randolpho Bretas (Rua da Escadinha), onde está a Basílica Nossa Senhora do Pilar, na Praça Monsenhor Castilho Barbosa. Da Basílica, seguimos pela Rua do Pilar até a Rua Paraná e, subindo até a Rua Conde de Bobadela (Rua Direita), passamos por museus e pontos de interesse. A última parada será na Praça Tiradentes, com visita ao Museu da Inconfidência, Escola de Minas, estátua de Tiradentes e explicação sobre os Jacubas e Mocotós. Opcional: visita ao Parque Municipal Natural de Ouro Preto, com nascentes do Rio das Velhas, principal afluente do Rio São Francisco.

Mapa do Roteiro

Dicas

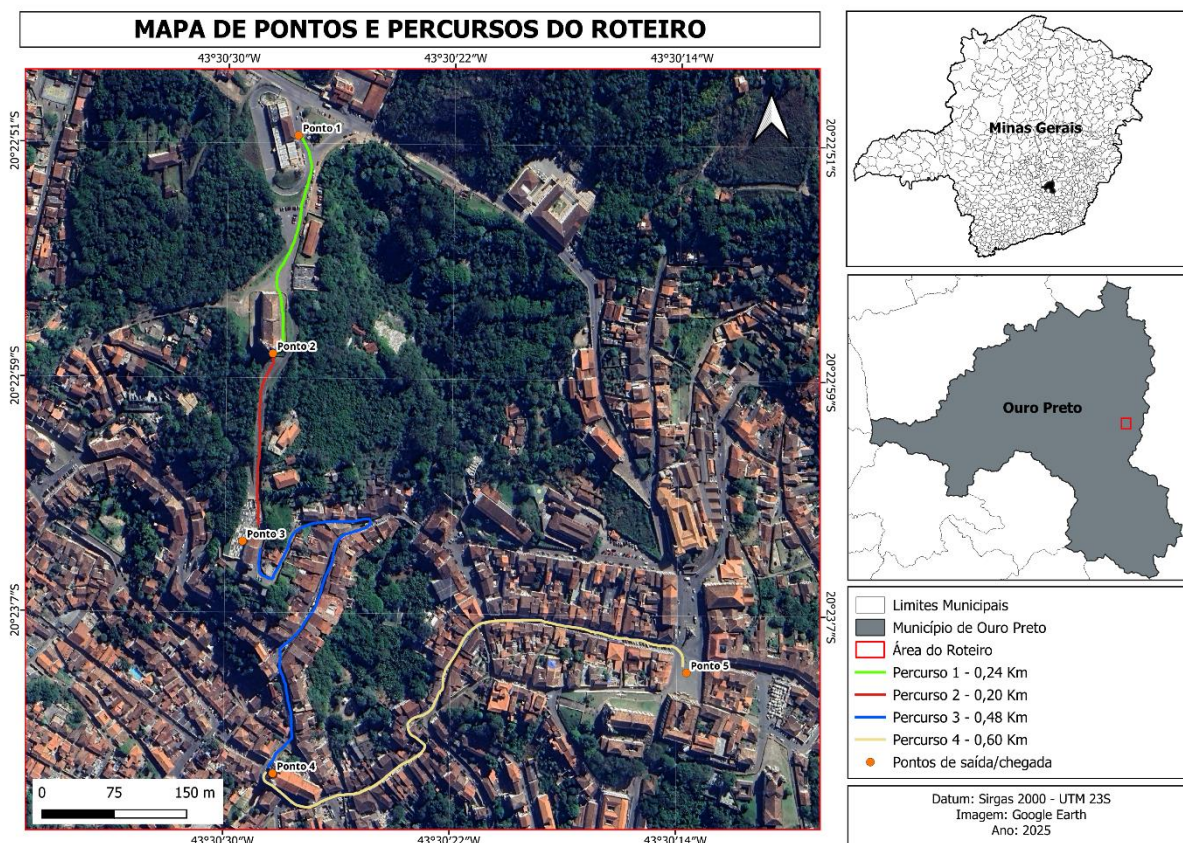
- Venha preparado para uma longa caminhada;
- Traga um lanche, biscoitos, frutas, sanduíches simples, sucos, dê preferência a alimentos que não necessitem de refrigeração;
- Tênis ou sapatos antiderrapantes (baixos);
- Roupas confortáveis, leves;
- Água (essencial);
- Protetor solar, óculos de sol, boné, repelente;
- Guarda chuva, o clima da cidade é tropical, pode ser que chova a qualquer momento., então venha preparado.

CURIOSIDADE

Ouro Preto tem tantas Igrejas, pois, as igrejas eram grandes fontes de arrecadação de tributos no período colonial, portanto, ter mais igrejas, significava mais dinheiro para a Coroa. E outro ponto era que as classes sociais não se misturavam nem nas igrejas, por isso havia igreja para os negros, escravos, a igreja da classe dos trabalhadores, da burguesia, entre outros.

Elaboração: Julyana Maysa Tomaz Neves (2025)

Figura 3 – Mapa do roteiro de visita a cidade de Ouro Preto - MG



Fonte: Google Earth (2025)

Elaboração: autora, Julyana Maysa Tomaz Neves (2025)

O roteiro é composto por cinco pontos principais e quatro percursos diferenciados por cores, indicando distâncias variadas. O mapa apresenta uma representação detalhada dos percursos em Ouro Preto, com as seguintes características principais:

- Área do Roteiro: Representada em destaque, evidencia a delimitação espacial do estudo.
- Percursos: Foram identificados quatro trajetos principais:
 2. - Percurso 1 (0,24 km): Representado na cor verde, liga o Ponto 1 ao Ponto 2.
 3. - Percurso 2 (0,20 km): Indicado em vermelho, conecta o Ponto 2 ao Ponto 3.
 - Percurso 3 (0,48 km): Destacado em azul, interliga os pontos 3 e 4.
 - Percurso 4 (0,60 km): Representado na cor amarela, abrange o trajeto do Ponto 4 ao Ponto 5.

- Pontos de Saída/Chegada: Marcados em laranja, indicam os locais de referência para início e fim dos percursos.

O mapa apresenta uma representação detalhada dos percursos em Ouro Preto, com os seguintes pontos principais:

- Rodoviária de Ouro Preto - Rua Padre Rolim: Principal ponto de chegada e saída da cidade, servindo como referência inicial para o roteiro.

- Igreja de São Francisco de Paula: Localizada em um ponto elevado da cidade, proporcionando uma visão panorâmica de Ouro Preto.

- Igreja de São José (Antiga Capela Imperial) - Rua Teixeira Amaral: Importante marco arquitetônico e religioso, destacando-se pelo seu valor histórico.

- Rua São José: Uma das vias mais tradicionais da cidade, com casarões coloniais e estabelecimentos comerciais.

- Rua Randolpho Bretas: Via que conecta importantes pontos do roteiro, permitindo um percurso fluido entre os locais históricos.

- Basílica Matriz de Nossa Senhora do Pilar - Praça Monsenhor Castilho Barbosa: Uma das igrejas mais ricas em ouro do Brasil, sendo um dos marcos religiosos mais importantes de Ouro Preto.

- Rua do Pilar: Via histórica que reforça a importância do conjunto arquitetônico da cidade.

- Rua Paraná: Rua de acesso a diversas construções coloniais e vias estratégicas do município.

- Rua Conde de Bobadela: Importante ligação entre diferentes áreas do centro histórico, proporcionando uma experiência imersiva no contexto urbano da cidade.

- Praça Tiradentes: Principal ponto turístico de Ouro Preto, simbolizando a relevância histórica e cultural da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a realidade de muitos professores varie significativamente, muitos ainda dependem do livro didático como o único recurso disponível, e muitas escolas enfrentam a falta de infraestrutura, o que representa uma das maiores dificuldades. Contudo, podemos aproveitar os espaços ao redor, que além de reduzir custos, contribuem para o aprendizado dos alunos. O uso de ambientes do cotidiano torna o ensino mais leve e significativo.

O objetivo geral desta pesquisa foi atingido, uma vez que, por meio da análise dos dados obtidos através do questionário, foram identificadas duas problemáticas distintas. A primeira refere-se à valorização da educação não formal e dos espaços não formais, destacada por diversos professores como de grande relevância. Tal ponto está relacionado à diversidade de realidades presentes em cada escola e município, sendo que os espaços não formais são frequentemente utilizados para complementar ou suprir a carência de recursos nas instituições de ensino.

A segunda problemática diz respeito à divergência sobre a utilização dos espaços não formais como uma compensação, uma vez que muitos defendem que as atividades desenvolvidas dentro das escolas, especialmente nas interações entre professores e alunos em sala de aula, possuem maior significado. As interações no ambiente escolar favorecem o desenvolvimento de competências sociais, como comunicação, trabalho em grupo e resolução de conflitos, aspectos que são mais efetivamente trabalhados em um ambiente controlado, como o da escola.

Considerando que a sala de aula é o local onde se passa a maior parte do tempo, é possível compreender ambos os pontos de vista, pois, em última análise, o problema central reside na carência de recursos.

Os espaços não-formais tornam o ensino mais atrativo e dinâmico, proporcionando ao aluno a oportunidade de compreender fenômenos de maneira mais prática, ao invés de apenas estudá-los de forma teórica nos livros. Em suma, a educação não formal representa uma valiosa ferramenta pedagógica, que, quando bem implementada, pode promover uma experiência de aprendizagem mais rica, inclusiva e significativa. Entretanto, para que seu potencial seja plenamente aproveitado, é imprescindível que haja uma combinação de esforços entre professores, gestores escolares e políticas públicas que garantam acesso igualitário

e recursos adequados para todos os alunos, independentemente de sua localização ou contexto social.

Para melhorar o acesso aos espaços não formais de ensino no contexto municipal e fortalecer a relação de identidade da população, é essencial promover a integração entre as escolas e espaços comunitários, como bibliotecas, centros culturais e museus. A parceria entre esses ambientes pode ampliar as oportunidades de aprendizado extracurricular, como oficinas de arte, música e teatro, além de promover eventos culturais que reforçam a identidade local. Também é importante expandir a oferta de programas de educação continuada, focando em temas relevantes para a comunidade, como empreendedorismo e tecnologias digitais, o que contribui para a capacitação da população e o desenvolvimento de competências necessárias tanto para o mercado de trabalho quanto para a vivência local.

Além disso, a valorização das práticas culturais locais, como festas, danças e culinária, deve ser incorporada nos currículos escolares e nas atividades de educação não formal, criando um vínculo entre o aprendizado formal e as tradições da comunidade.

A utilização de tecnologias digitais também pode facilitar o acesso a essas iniciativas, especialmente para áreas periféricas. A criação de polos de educação e cultura descentralizados e a formação de mediadores culturais, que ajudem a conectar a população aos espaços de aprendizado, são medidas cruciais para garantir a inclusão e o fortalecimento da identidade cultural local, promovendo uma educação mais acessível e significativa para todos.

Retomando a questão principal do trabalho seriam os espaços não formais de educação uma opção para atividades mais atrativas e dinâmicas? Conclui-se que o uso de metodologias ativas em sala de aula favorece a interação entre alunos e professores, além de facilitar a compreensão dos conteúdos, que podem ser melhor visualizados e entendidos ao se utilizar os espaços não formais. Esses espaços devem ser integrados aos conteúdos dos livros didáticos, ao que é abordado nas aulas e aos temas do cotidiano. Destaca-se que o proposto roteiro, facilita a utilização destes espaços, com intenção de que os alunos possam ter ao seu alcance o que é visto nos livros, tornando-se assim uma estratégia interessante e possível.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, Almerindo Janela. **Sociologia da educação não-formal**. In: Park, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro. Educação não-formal: contextos, percursos e sujeitos. Campinas: Setembro, 2005
- ALMEIDA, M. C. de. **A Geografia no ensino: práticas e desafios no trabalho de campo**. São Paulo: Editora XYZ, 2022.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. 2.ed.rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 1996.
- ARAÚJO, A. B.; SILVA, M. A. da. HARVEY, David. Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 15. ed. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2006. 349 p. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 26, n. 52, p. 677–681, 2012. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/13623>. Acesso em: 8 fev. 2025.
- ARAÚJO, Ana Maria. **Paulo Freire e a Pedagogia Libertadora: A transformação da educação e da sociedade**. São Paulo: Editora X, 2019.
- BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, 20 dez. 1996.
- COOMBS, P. H. **A crise mundial da educação**. 1. ed. Washington: Johns Hopkins University Press, 1968.
- COSTA, L. A.; COSTA, F. M. **A sala de aula e as novas demandas do ensino de Geografia**. São Paulo: Editora X, 2015.
- DEWEY, J. **Democracia e Educação**. 4. ed. São Paulo: Editora Y, 1959.
- DEWEY, J. **Experiência e Educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.
- DICIONÁRIO ONLINE**. Educação. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/educacao/>. Acesso em: 02 fev. 2025.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Práxis**. 2a ed. São Paulo: Cortez, p. 29-35, 1998.
- GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Práxis**. 2a ed. São Paulo: Cortez, p. 53-60, 1998.

- GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Práxis**. 2a ed. São Paulo: Cortez, p. 88-92, 1998.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: aval.pol.públ.Educ. [online]. 2006, vol.14, n.50, pp. 27-38. ISSN 0104-4036.
- JACOBUCCI, D. F. C. **Contribuições dos Espaços Não-formais de Educação para a Formação da Cultura Científica**. Em Extensão (Uberlândia), v. 7, p. 55-66, 2008.
- KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico: questões e propostas**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- LACOSTE, Yves. **A geografia-isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Papirus, 2005.
- LIMA, Maria da Silva. **A pedagogia da autonomia e a tendência liberal renovada: O desafio da educação contemporânea**. São Paulo: Editora Y, 2016.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1990.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Tendências pedagógicas na educação brasileira**. São Paulo: EPU, 1990.
- MORAN, José M. **Mudando a educação: aspectos teóricos e práticos da educação a distância**. 2013. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgiclfinkdmkaj/https://moran.eca.usp.br/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf Acesso em: 21 dez. 2024.
- MUERNCHEN, A.; AULLER, P. **O impacto das novas tecnologias no ensino de Geografia**. Porto Alegre: Editora Z, 2007.
- NASCIMENTO, F.N.; SGARBI, A.D.; ROLDI, K. **A utilização de espaços educativos não-formais na construção de conhecimentos – Uma experiência com alunos do ensino fundamental**. Revista da SBEnBIO – v. 7, p. 2130-2139, 2014.
- NEHME, V.G.; BERNARDES, M.B. Projetos e metodologias para a formação de sujeitos ecológicos. In SEABRA, G. (Org.). **Educação ambiental no mundo globalizado**. Editora da UFPB, João Pessoa, p. 225.2011.
- PALAGANA, Isilda Campaner. **Desenvolvimento e Aprendizagem em Piaget e Vygotsky: a relevância do Social**. 3a Ed. São Paulo: Summus, 2001.
- PARK, M. B. FERNANDES, R. S. **Educação não-formal: contextos, percursos e sujeitos**. In: PARK; FERNANDES; CARNICEL (Org.). **Palavras-chave em Educação não-formal**. Holambra: Setembro; Campinas/CMU, 2007.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2011. 460 ISBN 9788520006832.

QUEIROZ, R.M.; TEIXEIRA, H.B.; VELOSO, A.S.; TERÁN, A. F.; QUEIROZ, A. G. **A caracterização dos espaços não-formais de educação científica para o ensino de ciências.** Manaus; AM: UEA, 2011.

SANTOS, Milton, 1926-2001 **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção** / Milton Santos.- 4. ed. 2. reimpr.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.- (Coleção Milton Santos; 1)

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão.** São Paulo: Nobel, 1987

SANTOS, Milton, **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal** / Milton Santos. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Record, 2023. Recurso digital

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** 5. ed. Campinas: Autores Associados, 1991.

SILVA, A. L.; PEREIRA, L. F. **Espaços não formais e a educação geográfica: reflexões sobre práticas pedagógicas.** Rio de Janeiro: Editora ABC, 2021.

SEBRAE. **Como trabalhar os diferentes tipos de educação na sala de aula.** *Centro Sebrae de Referência em Educação Empreendedora (CER).* Disponível em: <https://cer.sebrae.com.br/blog/como-trabalhar-os-diferentes-tipos-de-educacao-na-sala-de-aula/>. Acesso em: 18 jan. 2023.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico.** São Paulo, SP: Cortez, 2007.

TOMITA, Luiza. M. Saito. **Trabalho de Campo como instrumento de Ensino em Geografia.** *Geografia: Revista do Departamento de Geociências, Londrina, v. 8, n. 1, p. 13-15, jan./jun.1999.*

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **O liberalismo renovado e a educação: Reflexões sobre o papel do professor no novo contexto escolar.** São Paulo: Editora X, 2018.

APÊNDICE A – Questionário utilizado para entrevista com os professores

Questionário de pesquisa

1. Nome?
2. Quanto tempo você é professor(a) de Geografia no Ensino Básico? Em qual escola está atuando recentemente? E em quais anos?
3. O que é educação não formal no contexto da Geografia para você, e qual é o seu papel no processo de aprendizagem dos alunos?
4. Com que frequência e de que maneira você utiliza atividades ou espaços de educação não formal (como visitas a campo, projetos comunitários, museus, centros culturais, entre outros) no ensino de Geografia? Pode compartilhar algum exemplo de sucesso?
5. Em sua experiência, quais são as principais vantagens da educação não formal em comparação com a educação formal para o ensino de Geografia?
6. Na sua opinião, como a educação não formal pode contribuir para a formação de uma consciência crítica e cidadã nos estudantes, especialmente no que diz respeito a questões geográficas e ambientais?
7. Quais recursos ou estratégias você acredita serem essenciais para ampliar o uso de espaços não formais de educação no ensino de Geografia?
8. Você acredita que a utilização de espaços não formais de educação pode aumentar o interesse dos alunos pela Geografia? Por quê?
9. Como você planeja suas aulas de Geografia para incorporar a utilização de espaços não formais de maneira significativa e coerente com os objetivos de aprendizagem?
10. Você acredita que a utilização de espaços não formais pode ajudar a superar a falta de recursos e infraestrutura dentro da sala de aula? Como você vê essa possibilidade na prática?

APÊNDICE B – Roteiro para atividade

Atividade:

Registros são ferramentas que possibilitam o exercício reflexivo das ações planejadas, estimulam a escuta e o olhar atento para as intervenções realizadas pelas crianças e adultos no cotidiano escolar. Durante o percurso peça que os alunos façam anotações sobre a cidade, façam registros fotográficos, ou desenhem o que achou interessante, expressem seus sentimentos, esses registros reflexivos serviram para um diário de campo, use e abuse da criatividade.

Ouro Preto como espaço não formal, para o ensino de Geografia

Vamos conhecer a cidade de Ouro Preto - MG, através dos seus espaços não formais de ensino.

O que você precisa saber

Ouro Preto é uma cidade histórica situada em Minas Gerais, reconhecida por sua arquitetura colonial e grande valor cultural. Fundada no século XVII, foi um dos principais centros de exploração do ouro no Brasil. Suas construções antigas, igrejas barrocas e ruas de pedra fazem parte do Patrimônio Mundial da Humanidade, atraindo turistas de várias partes do mundo. A cidade também é lembrada por seu papel na Inconfidência Mineira, movimento que buscava a independência do Brasil. Ouro Preto representa um marco importante na história e na cultura do período colonial brasileiro.

Sobre as Igrejas

Durante o século XVIII, a cidade prosperou com a exploração do ouro, e parte dessa riqueza foi investida na construção de igrejas e capelas. A Igreja Católica tinha grande influência na época, e as igrejas eram não apenas locais de culto, mas também símbolos de poder e riqueza. Cada irmandade ou confraria, que eram grupos de fiéis com objetivos religiosos e sociais, costumava construir sua própria igreja. Isso resultou em uma grande concentração de templos em Ouro Preto, refletindo tanto a devoção religiosa quanto a opulência do período.

Curiosidade

Ouro Preto tem tantas Igrejas, pois, as igrejas eram grandes fontes de arrecadação de tributos no período colonial, portanto, ter mais igrejas, significava mais dinheiro para a Coroa. E outro ponto era que as classes sociais não se misturavam nem nas igrejas, por isso havia para os negros, escravos, a igreja da classe dos trabalhadores, da burguesia, entre outros.

Roteiro

Saída da Rodoviária 8 de Julho, local para visualizar parte da cidade, a paisagem, a vegetação, monumentos, deslizamentos, diferença entre o centro histórico e os bairros.

Posteriormente seguiremos pela Rua São Francisco de Paula, parando na Igreja São Francisco de Paula, lá observaremos mais um pouco da cidade, continuaremos descendo a rua São Francisco de Paula, chegando a Igreja de São José na Rua Teixeira Amaral, nesta Igreja iremos observar o cemitério onde foi enterrado Bernardo Guimarães, autor de Escrava Isaura. Continuando a descer a Rua Teixeira Amaral, chegaremos ao centro histórico da cidade, pela Rua São José podemos observar o conjunto arquitetônico das casas e chegar a rua Randolpho Bretas, mais conhecida como rua da escadinha, e assim chegaremos a primeira Igreja construída na cidade, a Basílica Nossa Senhora do Pilar, localizada na Praça Monsenhor Castilho Barbosa. Saindo da Basílica do Pilar iremos para a Rua do Pilar, até a rua Paraná, continuando a subir a rua chegaremos a Rua Conde de Bobadela, conhecida por Rua Direita, durante todo o trajeto haverá observação dos museus, das ruas, casas, lugares que chamam atenção dos alunos pela cidade. A última parada será na Praça Tiradentes, ponto principal da cidade, e haverá uma explicação da história do local, Museu da Inconfidência, Escola de Minas, estátua de Tiradentes, e uma breve explicação sobre os Jacubas e Mocotós (Pilar X Antônio Dias), término em local estratégico para que os alunos possam almoçar e ter um momento livre.

Há a possibilidade de uma visita a um parque ecológico, dando preferência ao Parque Municipal Natural de Ouro Preto, nascentes do Rio Das Velhas estão localizadas dentro do parque, o maior afluente em extensão da Bacia do Rio São Francisco.

Pontos principais:

- Rodoviária de Ouro Preto - Rua Padre Rolim - Ouro Preto, MG
- Igreja de São Francisco de Paula - Ouro Preto, MG
- Igreja de São José (Antiga Capela Imperial) - Rua Teixeira Amaral - Ouro Preto, MG
- Rua São José - Ouro Preto, MG
- Rua Randolpho Bretas - Ouro Preto, MG
- Basílica Matriz de Nossa Senhora do Pilar - Praça Monsenhor Castilho Barbosa Pilar, Ouro Preto - MG
- Rua do Pilar - Ouro Preto, MG
- Rua Paraná - Ouro Preto, MG
- Rua Conde de Bobadela - Ouro Preto, MG
- Praça Tiradentes - Ouro Preto, MG
- Parque Municipal Natural de Ouro Preto - Ouro Preto, MG Roteiro de visita por pontos da cidade. Cachoeira das Andorinhas Ruas das Andorinhas - s / n, Morro São João, Ouro Preto MG

Dicas:

- Venha preparado para uma longa caminhada;
- Tênis ou sapatos antiderrapantes (baixos);
- Traga um lanche, biscoitos, frutas, sanduíches simples, sucos, dê preferência a alimentos que não necessitem de refrigeração;
- Dinheiro para o almoço (aproximadamente o valor de 30 reais);
- Roupas confortáveis, leves;
- Água (essencial);
- Protetor solar, óculos de sol, boné, repelente;
- Guarda chuva, o clima da cidade é tropical, pode ser que chova a qualquer momento.

APÊNDICE C - Respostas do questionário

Professor(a) 1:

1- 1 ano, Escola estadual Afonso Pena

2- Educação não formal, para mim é fugir de algumas práticas tradicionais e utilizar de novas metodologia de forma que o espaço seja utilizado no processo de ensino. O seu papel vem para trazer aulas mais dinâmicas e mais atrativas para os alunos mostrando novas formas de aprendizagem.

3- Com frequência, mas dependo da disponibilidade da escola para liberar os alunos, se for em algum lugar que necessite de transporte e preciso recurso é isso infelizmente ainda demora.

4- Aulas mais dinâmica, alunos mais criativos e envolvidos nas atividades

5- Quando inserimos o aluno na prática e ele consegue ver a realidade ao seus olhos, ao invés de ser através de imagens esse senso crítico desperta.

6- Apoio da equipe pedagógica da escola.

7- Sim, os alunos tendem ser mais participativos pelo novo.

8- Utilizo de espaços próximos a escola, de forma que facilite a locomoção dos alunos.

9- Depende de como a escola é adepta essa metodologia, precisamos de verba e de apoio pedagógico para a prática ser feita.

Professor(a) 2:

1- Na área da educação 30 anos, mas como professor de geografia 13 anos. Atualmente na escola Municipal Professora Juventina Drummond.

2- A educação vai formal e quando o educador busca em seu meio aspectos geográficos fora dos livros didáticos. O professor tem um papel fundamental na aprendizagem do aluno.

3- Utilizei muito esses espaços não formais quando fiz parte do programa residência pedagógica. Projeto Conhecendo Ouro Preto entre Jacubas e Mocotó. Valorização da culinária local, trazendo o sentido de pertencimento. Conhecimento do espaço geográfico através dos distritos de Ouro Preto.

4- Em primeiro lugar aproxima mais o aluno do professor, além disso faz com que o aluno passe a observar que a estudar a Geografia e conhecer o nosso espaço.

5- Através do conhecimento e valorização do espaço geográfico;

6- Apoio da direção e da secretaria de educação, além de participar de programas oferecido pelo governo federal.

7- Com certeza.

8- O planejamento tem que ser feito ligando as habilidades com esses espaços não formais.

9- Pode sim, contanto que tenhamos apoio dos órgãos competentes.

Professor(a) 3:

1- 11 anos de atuação no Ensino Básico. Escola Estadual Henrique Michel. 6º ano dos Anos Finais e 1º ao 3º ano do Ensino Médio.

2- A Educação Não Formal no contexto da Geografia, refere-se às práticas que são realizadas fora do chão de escola com objetivos específicos para que se desenvolva uma aprendizagem significativa. No que se refere a educação não formal, o papel do professor no processo de aprendizagem do alunos ocorre através da orientação,

mediação e potencialização desse processo, ao recorrer metodologias diversificadas para o desenvolvimento do aluno.

3- Em minha prática docente, utilizo com frequência atividades em espaços fora do chão de escola para que o aprendizado possa ocorrer de forma mais efetiva e dinâmica. No ano de 2024, realizamos 7 "saídas pedagógicas", dentre as quais: trabalho de campo, visitas em museus, eventos científicos voltados para a Educação Básica com apresentação de pesquisa desenvolvida, e órgãos municipais.

4-A educação não formal promove um raciocínio crítico maior nos alunos, despertando a curiosidade, desenvolvendo o protagonismo e até mesmo a autonomia dos estudantes no seu próprio processo de aprendizagem.

5- A educação não formal pode contribuir para a formação de uma consciência crítica e cidadã dos alunos, a partir do momento em que o aluno passa a ter um contato e interação direta com espaços e desafios da comunidade em que está inserido, ou até mesmo em um espaço fora do seu espaço vivido, de forma que esse aluno consiga visualizar questões sociais recorrentes no cotidiano da população.

6- Formação continuada dos professores, principalmente os que possuem uma formação de muitos anos. Investimento em recursos pelas secretarias de educação, sejam elas em âmbito municipal ou estadual. Adoção de metodologias diversificadas no processo educativo. Apoio da gestão pedagógica escolar.

7- Acredito ser algo que varia do nível de ensino. Alunos do Ensino Fundamental, nos Anos Finais, tendem a ter um interesse maior pela utilização de outros espaços, e dessa forma, adquirir um certo interesse pelo componente curricular. Já no Ensino Médio, a utilização de espaços não formais é mais difícil de interferir no interesse pelo componente curricular, pois em muitos casos, estão interessados apenas em sair da escola, não importando com o que vão visualizar ou executar fora da sala de aula. Vale destacar que, as salas de aulas superlotadas é um ponto que pode interferir diretamente no sucesso da utilização de espaços não formais pelo excesso de estudantes que aumenta a dispersão nas atividades propostas.

8- Realizo um planejamento bimestral de acordo com o CRMG, e dentro desse planejamento crio um cronograma com as datas e conteúdos a serem desenvolvidos ao longo do bimestre. A depender do conteúdo, costumo utilizar a interdisciplinaridade e elaborar a utilização de espaços não formais dentro do planejamento do bimestre. Mas também utilizo de forma a focar apenas no componente curricular da Geografia. A partir desse planejamento, elaboro um projeto e apresento a gestão pedagógica (supervisão e direção), para a possível liberação de recursos para a realização da atividade planejada. Na escola em que atuo, nunca tive dificuldade em desenvolver nenhuma atividade que envolva a utilização de espaços não formais, sempre houve a liberação de recursos, apoio e suporte pedagógico por meio da gestão pedagógica e também da colaboração de outros docentes.

9- Acredito que são coisas distintas. Em minha opinião, a utilização de espaços não formais não deve ser vista como uma alternativa para tentar resolver a falta de infraestrutura nas escolas, mas sim como um recurso pedagógico que pode enriquecer o processo de ensino e aprendizagem do aluno. Essa prática pode ampliar as possibilidades educacionais, mas não substitui a necessidade de investimento em recursos dentro do ambiente escolar.

Professor(a) 4:

1- 1 ano, escola sinhô machado, 6 ao 9 ano.

2- Refere-se a práticas educativas que ocorrem fora do ambiente escolar tradicional e são voltadas para o aprendizado de conceitos geográficos de maneira mais prática. O papel de aprendizagem dos alunos pode ser: aproximar os alunos da realidade, estímulo à curiosidade e desenvolver competências.

3- Sempre busco realizar atividades em espaços não formais, um exemplo foi o projeto que realizei na escola juvenina Drummond o projeto se chama conhecendo ouro preto entre Jacubas e Mocotós, nesse projetos realizei visitas a pontos importantes da nossa cidade com os alunos do 9 ano.

4-Tem mais engajamento e Motivação e também pode ocorrer a Interdisciplinaridade.

5- A educação não formal permite que os estudantes aprendam sobre questões geográficas e ambientais em contextos reais, o que facilita a compreensão das complexidades e interconexões dos problemas. Por exemplo, a participação em projetos comunitários de conservação ambiental permite que os alunos vejam os impactos diretos das ações humanas no meio ambiente.

6- Parcerias com Instituições e Organizações

Parques e Reservas Naturais: Parcerias com parques nacionais, reservas naturais e áreas de conservação podem proporcionar oportunidades para visitas guiadas e projetos de campo.

7- Sim, os espaços não formais de educação oferecem oportunidades para que os alunos aprendam através de experiências práticas e interativas. Por exemplo, visitas a parques naturais, museus e centros culturais permitem que os alunos observem e explorem fenômenos geográficos de forma direta e envolvente. Isso torna o aprendizado mais dinâmico e memorável.

8- Definição de Objetivos de Aprendizagem: Identifico os objetivos específicos que desejo alcançar com a aula, como compreender fenômenos geográficos, desenvolver habilidades de pensamento crítico, ou promover a conscientização ambiental.

Seleção de Espaços Não Formais:

Escolho espaços que se alinham com os objetivos de aprendizagem, como parques naturais, museus, centros culturais, áreas urbanas ou rurais. Avalio a acessibilidade e os recursos disponíveis nesses locais.

Desenvolvimento de Atividades:

Elaborar atividades interativas e práticas que promovam a exploração e a investigação. Por exemplo, estudos de campo, mapeamento de áreas, entrevistas com especialistas, observação de fenômenos naturais e debates

Preparo dos Alunos:

Preparo os alunos para a visita ou atividade, fornecendo orientações sobre o que esperar, quais objetivos devem atingir e quais materiais precisam levar. Também discuto as normas de comportamento e segurança.

9- Sim, utilizar espaços não formais, como museus, centros culturais, parques naturais e universidades, pode oferecer acesso a recursos e infraestrutura que talvez não estejam disponíveis na escola. Esses locais frequentemente possuem equipamentos, exposições e especialistas que enriquecem o aprendizado.

Espaços não formais proporcionam contextos reais para a aprendizagem. Por exemplo, um passeio a um parque natural pode oferecer oportunidades para o estudo da ecologia e geologia que um ambiente de sala de aula tradicional não pode replicar.

Professor(a) 5:

1- Sou professora a 1 ano e atuo do 6 ao 9 ano.

2- A educação não formal é uma estratégia metodológica eficaz para explorar o conhecimento dos estudantes, especialmente em Geografia, cujos conceitos abstratos demandam abordagens práticas. Essa abordagem facilita a transição da abstração para a compreensão concreta, potencializando o aprendizado.

3- Embora esteja no início de minha carreira, realizei uma visita de campo (em uma praça pública, próxima à escola) com alunos para explorar formas de relevo, proporcionando uma experiência prática e enriquecedora.

4- Contribuí para que o aluno consiga sair da abstração e relacione os eventos geográficos com a vida cotidiana.

5-A educação não formal desempenha um papel fundamental na formação cidadã, inserindo estudantes na comunidade e promovendo valores democráticos. Essa abordagem educacional estimula o engajamento comunitário, desenvolvimento de habilidades sociais e consciência cívica.

6- A eficácia dos espaços não formais depende da clareza do poder público sobre sua acessibilidade e inclusão, além da integração com o conteúdo curricular.

7- Sim, os espaços não formais de educação oferecem experiências práticas e significativas, aproximando os estudantes da realidade e despertando interesses não explorados no ambiente formal."

8- Primeiramente penso no objetivo que quero alcançar com o espaço não formal, em seguida no público alvo e acredito que conhecer o local antes da aula contribui para que os objetivos sejam concluídos.

9- Sim, os espaços não formais possibilitam uma abordagem prática e lúdica do currículo pré estabelecido.

Professor(a) 6:

1- Há 22 anos.

2- É a educação que se faz fora do espaço convencionado para a realização das aulas. Meu papel é o de conduzir alunos na busca de novos conhecimentos e instigar sua curiosidade com fatos e fenômenos geográficos de seu contexto de vivência.

3- Costumo, dado aos recursos disponibilizados para isso, levar os alunos para atividades a cada 6 meses. Fomos à Feira de Educação Ambiental onde os alunos estiveram em contato com produtos sustentáveis e tiveram que prototipar um produto sustentável e apresentá-lo na feira escolar.

4- Como a aprendizagem acontece a partir do instante em que o sujeito é despertado, acredito que experiências externas ao ambiente da escola podem contribuir para estimular mais facilmente o conhecimento e a curiosidade dos alunos. Visto que vivenciar, experimentar mobiliza o estudante a querer descobrir e a fazer conexões com os fatos práticos. O ensino formal pode fazer isso, desde que assuma uma atitude mais ativa, mas o fato é que a educação não formal faz o elo entre teoria e prática.

7- Ao trabalhar com os problemas práticos dos espaço geográficos, podemos nos apropriar dos problemas reais de uma sociedade e das características dos objetos de estudos, ajudando os educandos a encontrar respostas para o contexto socioespacial.

8-A utilização de mapas aliado a análise dos problemas no contexto de vivência dará ao estudante compreensão de como seu lugar se insere no mundo. É uma oportunidade de compreender um conceito ou um fenômeno sob outra perspectiva e de forma mais prática.

9- Os espaços não formais são espaços modificados e que trazem contextos diversificados que se forem conectados ao que se aprende na sala de aula pode aumentar a curiosidade e a percepção do aluno entre a realidade e o conteúdo de Geografia. Ao perceber que os conteúdos de geografia estão conectados com a realidade cotidiana pode-se aumentar o interesse dos estudantes pela disciplina.

Professor(a) 7:

1- 12 anos; E.E. Dom Velloso;

2- Educação não formal em Geografia é como tirar a aula da sala de aula e levar para o mundo real. É sair do livro e do mapa e vivenciar a Geografia na prática. Para mim, que já tenho 12 anos de profissão, o meu papel é o de destaque o de agente ativo que leva os alunos para a chance de transformar a aprendizagem em uma experiência inesquecível. É fazer com que os alunos entendam que a Geografia não é só decorar nomes de rios e montanhas. É mostrar que a Geografia está em tudo: na paisagem da cidade, na história do bairro, nas mudanças climáticas, nas diferentes culturas.

3- Os espaços de transformação não formal dentro da escola são mais utilizados, como o jardim. E dentro dos conteúdos do 6 ano são mais utilizados como a observação da paisagem, relevo e vegetação, tendo uma frequência de 4 a 6 ao ano.

4- Aprendizado ativo, exemplos concretos.

5- A Educação Não Formal como Ferramenta para a Cidadania Crítica e Ambiental

A educação não formal, ao levar os estudantes para além dos muros da escola, oferece um espaço privilegiado para a construção de uma consciência crítica e cidadã. No contexto da Geografia e das questões ambientais, essa modalidade educativa desempenha um papel fundamental ao: promover a experiência direta com o ambiente; desenvolver habilidades de observação e análise; fomentar o pensamento crítico; fortalecer o senso de comunidade, Incentivar a participação social;

6- Parceria com instituições, financiamento e patrocínios, tecnologias, infraestrutura.

7- Sim. Pois sai da aula teórica e inicia a prática que é sempre mais atrativa.

8- A partir da definição do objetivo é feita a escolha do lugar ou instituição a ser visitada e por isso é realizado a elaboração das atividades durante a aula e após ela.

9- Sim. No entanto as aulas em espaços não formais encontram muita dificuldade no planejamento principalmente na obtenção de recursos financeiros e na disponibilidade dos profissionais e na participação ativa dos estudantes, assim essas aulas muitas das vezes não saem do papel;

Professor(a) 8:

1- Desde 2004. Sou efetivo na E. M. Tomás Antônio Gonzaga, em Ouro Preto, MG, desde 2012.

2- Educação não-formal é, sobretudo, aquela se dá no espaço extraescolar, como o entorno da escola, a cidade, em unidades de conservação, museus, cinemas, etc. O papel do professor é, em seu planejamento didático, incluir esses espaços, considerando seu potencial educativo.

3- Antes da pandemia, quando o Museu de Ciência e Tecnologia da Escola de Minas UFOP estava em funcionamento, eu levava minhas turmas de 6º ano, todos os anos, inclusive com a participação de alunos da graduação em Geografia do IFMG que eram meus estagiários, como o Flávio, o Ezequiel e a Eliza Aline. Também agendava com

a direção do Cine Vila Rica exibições de filmes escolhidos por mim, tendo relação com o conteúdo estudado, exclusivas para meus alunos.

4- Eu percebo que em espaços não-formais há menos problemas de indisciplina dos alunos, precisamente porque eles ficam mais envolvidos e motivados.

5- Principalmente porque a educação em espaços não-formais ajuda a desfazer o sentimento de exclusão e não-pertencimento dos alunos (especialmente os mais pobres) em relação a determinados espaços.

6- A integração da comunidade com a escola é fundamental para ter suporte para realizar atividades educacionais em espaços não-formais.

7- Com certeza, porque o objeto da Geografia é o espaço (formal ou não).

8- Cada turma, cada espaço, cada temática, exige um planejamento próprio. Não existe uma fórmula.

9- Sim. A utilização de espaços não formais pode ajudar a superar a falta de recursos e infraestrutura dentro da sala de aula, porque permite o acesso de educadores e educandos a espaços que, muitas vezes, suprem ou compensam as limitações infra estruturais do espaço escolar.

Professor(a) 9:

1- 11 anos atuando, atuo na EMCJD da rede municipal de Raul Soares. 8 e 9 anos do EF II.

2- É um tipo de prática que promove o aprendizado de maneira a contemplar a realidade dos envolvidos, valendo-se de espaços incomuns para atingir o objetivo proposto.

3- Com pouca frequência. Muitas vezes o excesso de atividades propostas pela unidade de ensino limita a atuação do professor e sua autonomia.

4- A oportunidade que os alunos têm de ver o exemplo concreto, aproximando teoria de realidade.

5- Vivenciar situações que comumente só seriam vistas nos livros, cria maior compreensão e pode ativar sentimentos de que é necessário atuar de alguma forma.

6- Produção de roteiros pedagógicos, com um planejamento sólido. Utilização de recursos variados como registros fotográficos ou geotecnologias para obter informações e socialização dos resultados. Numa forma de propor atividades realmente “redondas”, que atendam a um propósito.

7- Sim. O gosto pela aula parece interferir nos resultados. Tédio gera desinteresse.

8- Com sequências didáticas, de forma que os espaços não formais são integrados à demais atividades, de forma a passar o conteúdo de maneira gradativa, como um auxílio para a consolidação do aprendizado.

9- Sim. É comum que nas escolas falte recursos ou que sua pequena quantidade interfira em planejamentos. Espaços não formais podem ser o próprio recurso, sem ter que dividi-lo com outro docente, por exemplo.

Professor(a) 10:

1-9 anos.

2- A educação não formal é importante na maternidade dos conceitos da geografia, pois a geografia trabalha o espaço vivido e interações com os elementos que compõem.

3- Ao longo do ano, em média 4 vezes por bimestre.

4- Ela possibilita a interação entre o conhecimento do aluno e os conceitos formais apresentados pelo professor.

5- Ela pode ser usada para mostrar como exemplo prático dos impactos e interações com o meio ambiente, dando assim ao aluno a possibilidade de pensar a partir de coisas que estão presentes em seu cotidiano.

6- O principal recurso seria a formação de um corpo docente quer que esteja disposto a usar a ferramenta da educação não formal no espaço da sala de aula, tudo isso interligado por políticas públicas sólidas.

7- Eu acredito, porque o aprendizado se dá de forma constante e os elementos que são ferramentas da educação não formal fazem parte da vida dos alunos o tempo todo.

8- Eu planejo minha aula atento aos tópicos que podem ser transformados em campos ou dinâmicas que façam uso das ferramentas da educação não formal, buscando relatos dos alunos e estimulando a observação do espaço e do cotidiano

9- Ela pode, mas não deve ser a única ferramenta nas mãos do professor e a vejo como uma possibilidade de aplicação da visão geográfica prática na vida dos entes envolvidos.

Professor(a) 11:

1- 22 anos, professora do Fundamental I, SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO - 5º ano.

2- Pra mim é a GEOGRAFIA na palma da mão, é visitar a Geografia onde se apresenta: no dia-a-dia, no relevo, na sociedade em geral, no modo de vida...

3- Infelizmente a nossa Secretaria de Educação não abre espaço para a Geografia de campo. Tudo é feito com recursos pedagógicos dentro do espaço escolar.

4- Vantagem total: estimula a curiosidade, estabelece comparações, atualiza, conscientiza, ...

5- Conhecendo a vida real o aluno consegue estabelecer comparações e visualizar mudanças.

6- Os espaços existem. Podem ser culturais ou naturais. Eles existem. O problema é o acesso. O professor esbarra nessa dificuldade.

7- Com certeza. A Geografia vista e sentida é mais interessante do que aquela que os livros nos apresentam.

8- Não há acesso aos espaços não formais na minha prática.

9- Sim. Eu acho que ela estimula o aprendizado e valoriza a área de conhecimento.

Professor(a) 12:

1- Dois anos. Atualmente, estou professor na Escola Municipal Dom Oscar de Oliveira situada no Município de Mariana/MG. Atuo no ensino fundamental II. Neste ano de 2025, irei lecionar para o sexto e sétimo.

2- A educação não formal corresponde aos processos de ensino e aprendizagem que se realiza fora da ambiência escolar, que se diferencia do modelo tradicional de ensino, pois é estruturada para uma aprendizagem mais significativa para o aluno, ou seja, desempenha um papel fundamental, aproximando teoria e prática, que complementa a educação formar e informar, possibilitando uma maior aproximação com a realidade dos alunos, além é claro de apontar novas perspectivas de mundo concreto e subjetivo.

3- A considerar a pouca vivência na ambiência escolar e o contexto que a escola a qual leciono encontra-se inserida, ainda não consegui levar os alunos para espaços que potencializam a educação não formal. A perspectiva, dentro do planejamento anual, é que neste ano, possamos desenvolver, pelo menos, atividades que dialogam com a educação não formal, como por exemplo uso de atividades lúdicas, exposições temáticas sobre aspectos culturais do Brasil, a considerar que neste ano letivo lecionarei, quase que exclusivamente, para o sétimo ano.

4- Apesar da minha pouca experiência e vivência docente, acredito que a educação não formal potencializa o processo de ensino aprendizagem, rompendo com o modelo tradicional de ensino que, na maioria das vezes, insere os alunos como sujeitos passivos. Desta forma, a educação não formal proporciona uma abordagem mais interativa, prática e contextualizada com as realidades locais, o que a torna mais significativa para o aluno.

5- A educação não formal possibilita a imersão dos alunos em experiências mais dinâmicas e participativas, incentivando-os a refletir sobre seus conhecimentos geográficos e sobre sua ação de ser no mundo, de forma a despertar uma consciência crítica e reflexiva sobre as realidades que os cercam, com destaque para as questões socioculturais e ambientais, assumindo diante disso o protagonismo perante a sociedade.

6- A utilização de espaços e recursos não formais de educação, perpassa primeiramente pela necessidade do docente rever suas práticas de ensino e, soma-se a isso, a superação de alguns obstáculos que circunscrevem o ensino básico brasileiro, à considerar as diversas realidades existentes. No entanto, acredito que para ampliar o uso destes espaços, com destaque para o ensino de geografia, torna-se fundamental a adoção de estratégias pedagógicas inovadoras e a utilização de recursos tecnológicos, quando possível e acessível, que se fundamentem em metodologias de ensino mais contemporâneas (exemplo: metodologias ativas; sala de aula invertida; aprendizagem baseada em projetos, entre outras), possibilitando aproximar esses ambientes acessíveis aos alunos e promover um ensino mais significativo e prático. Cumpre destacar, o primeiro passo é a elaboração de um planejamento pedagógico que contemple esta perspectiva de atuação docente, sempre se voltando para as realidades e potencialidades a serem exploradas no contexto a qual a escola encontra-se inserida.

7- Sim. A minha vivência docente tem demonstrado que é urgente que superemos o modelo tradicional de ensino, não que este modelo não apresente seus méritos, mas é preciso revisar a nossa atuação docente, ainda que não consigamos superar o

modelo tradicional de ensino imposto por interesses neoliberais. Faz-se necessário que despertemos, enquanto docente, o nosso ser reacionário para promover um ensino que dialogue com as realidades dos alunos e esteja atento aos desígnios da sociedade. Ao aproximar as aulas das realidades dos alunos, há uma maior possibilidade de despertar interesse deles no processo de aprendizagem, além de se permitir dialogar de forma igualitária, valendo-se das mais diversas formas de linguagens e recursos que dinamizam o ato de ensino e supera conforme aponta Paulo Coelho a educação bancária, focada apenas na mera constituição de força produtiva e não intelectualizada.

8- Conforme apontado anteriormente, a minha imersão na educação é muito recente, que tem me levado em um processo de descoberta enquanto docente. Por vezes, me vejo amparado no modelo de ensino tradicional, em uma constante busca pela compreensão do meu papel enquanto docente e das realidade escolar a qual encontro-me inserido. Apesar de não ter conseguido utilizar ainda na execução do planejamento espaços não formais, por questões de logística, para este ano, há possibilidades de atividades a serem realizadas fora da ambiência escolar e, que serão trabalhadas de acordo com as habilidades e objetos de estudo pertinentes para as turmas de sexto e sétimo ano.

9- Sim. Há diversos espaços que já possuem estruturas necessárias para as práticas educativas existentes, principalmente no município onde atuo como professor, pois sabemos que a realidade de infraestrutura de nossas escolas no Brasil, no geral, é bem deficitária. Por exemplo, na escola em que leciono, não dispomos de sala de informática ou qualquer laboratório para o ensino de geografia ou que venha a fazer um diálogo com o ensino de ciências. Por isso, há a necessidade de aproveitarmos o grande laboratório que se faz presente no contexto dos alunos, que é o experimentar a cidade e suas potencialidades. No entanto, ressalta-se alguns entraves logísticos e burocráticos que, com o tempo, à docência nos ensina a superar.